



revista cristã  
última chamada

# O Amor Seletivo por Sião

Uma refutação ao sionismo  
teológico de Franklin Ferreira

César Francisco Raymundo

# O Fim dos Tempos como você nunca ouviu falar!



- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo



**www.  
revistacrista  
.org**

# O Amor Seletivo por Sião

*Uma refutação ao sionismo  
teológico de Franklin Ferreira*

---

César Francisco Raymundo

---



revista cristã  
última chamada

---

# Patrocine esta obra!

---

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

## Doe via depósito bancário

**Banco:** Caixa Econômica Federal

**Em favor de:** César Francisco Raymundo

**Agência:** 3298

**Operação:** 013

**Conta:** 00028081-1

## Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

[www.revistacrista.org](http://www.revistacrista.org)

Contato:

[ultimachamada@bol.com.br](mailto:ultimachamada@bol.com.br)

[contato@revistacrista.org](mailto:contato@revistacrista.org)

---

## **O Amor Seletivo por Sião**

*Uma refutação ao sionismo teológico de Franklin Ferreira*

**Autor:** César Francisco Raymundo

**Capa:** César Francisco Raymundo  
(Imagem da Internet)

---

Revista Cristã Última Chamada publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.  
É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor  
César Francisco Raymundo

E-mail: [ultimachamada@bol.com.br](mailto:ultimachamada@bol.com.br)  
Site: [www.revistacrista.org](http://www.revistacrista.org)

Porto Belo – Santa Catarina

2ª edição ampliada  
Dezembro de 2025

# Índice

<b>Sobre o Autor</b>	<b>07</b>
<b>Aviso Importante sobre Este E-book</b>	<b>08</b>
<b>Introdução</b>	<b>09</b>
Citações Iniciais: a Fala Contaminada de Vários Teólogos	12
Erro de Interpretação no Prefácio	16
<b>Capítulo 1</b>	
Razões e Delimitação	23
<b>Capítulo 2</b>	
Sionismo Cristão e Judaico	27
<b>Capítulo 3</b>	
A Eleição de Israel	29
<b>Capítulo 4</b>	
O Triunfo do Reino de Deus	31
<b>Capítulo 5</b>	
A Eleição Soberana e Graciosa	36
<b>Capítulo 6</b>	
A Salvação de Israel	41
Todo Israel será salvo	43
"até que Chegasse a Plenitude dos Gentios	49
<b>Capítulo 7</b>	
A Terra de Israel	52
Mais sobre a Terra de Israel	62
<b>Conclusão</b>	
No Final, Haverá Somente a Terra de Israel	64
<b>Obras importantes para pesquisa...</b>	<b>68</b>



# Sobre o Autor

---



**César Francisco Raymundo** nasceu em 02/05/1976, em Londrina, Paraná. De origem católica, encontrou-se com Cristo aos 13 anos e, na década de 1990, tornou-se membro da Igreja Presbiteriana do Brasil. Com mais de trinta anos de estudo autodidata em teologia e filosofia, César se aprofundou em diversas vertentes teológicas, incluindo Historicismo, Preterismo Parcial, Pós-milenismo, Preterismo Completo, Idealismo, Dispensacionalismo e Pré-milenismo, sempre analisando as fontes originais de cada uma delas.

Ele propôs a **teoria da Escatologia Concreta**, visando a busca de um consenso na profecia bíblica com todas as correntes escatológicas unidas. Também propôs o **Conceito de História Interrompida** que pode ser encontrado em seu e-book intitulado **História Interrompida: O Freio do Mal e a Melhora do Mundo**.

César é amplamente reconhecido como mestre em seu campo, sendo um pensador crítico e profundo, comprometido em formar novas gerações de estudiosos e pensadores da fé cristã. Ele escreveu o primeiro **Comentário Preterista sobre o Apocalipse**, além de ser autor do primeiro **Dicionário de Escatologia do Preterismo** e da primeira **Bíblia de Estudo Preterista Parcial** do Brasil.

Atualmente tem se dedicado à produção de material teológico, como livros, folhetos e revistas, com o objetivo de divulgar a Boa Nova da Salvação em Cristo e apresentar uma visão alternativa e equilibrada sobre a escatologia, desafiando a visão tradicionalmente pessimista das igrejas.

## Aviso Importante sobre Este E-book

---

O livro discutido neste trabalho, *Por Amor de Sião*, do teólogo Franklin Ferreira, está disponível tanto na versão impressa quanto na edição digital (Kindle) na Amazon.<sup>1</sup> Recebi como doação uma cópia desta última, convertida para o formato PDF. Por esse motivo, os números de página citados na bibliografia podem não coincidir com os da edição impressa.

---

<sup>1</sup> Por Amor de Sião - <https://www.amazon.com.br/Por-amor-Si%C3%A3o-Israel-fidelidade/dp/6559671100#> Acessado dia 13/07/2025



## - Introdução -

---

“Um forte anjo levantou uma pedra, do tamanho de uma grande pedra de moinho, e jogou-a no mar, dizendo: A grande cidade da Babilônia será jogada com a mesma força e nunca mais será achada”.

- Apocalipse 18:21

Este ato simbólico do anjo declara a morte e a derrota total da Grande Meretriz, a Jerusalém do primeiro século depois de Cristo. O livro do Apocalipse, com sua simbologia, mostra que se trata de uma carta de divórcio, na qual Deus está se divorciando de sua esposa, Israel-Jerusalém, para se unir à Nova Jerusalém. O Senhor foi muito claro ao dizer aos judeus que “o reino de Deus será tirado de vocês e entregue a um povo que dê os frutos do reino” (Mateus 21:43).

No livro do Apocalipse, Deus está definitivamente se divorciando de sua esposa (Israel), tratando-a como uma esposa adúltera. E a pena do adultério é a morte.

Isso não se refere à Teologia da Substituição, segundo a qual Israel é substituído pela Igreja, mas sim a uma nação que morre e ressuscita em um novo corpo. A situação de Israel assemelha-se à ressurreição do corpo físico: o corpo vai para a sepultura, mas ressuscita em um novo corpo glorificado. Usa-se o material terreno do antigo corpo, que, pelo poder de Deus, é transformado. Assim aconteceu com o Israel da Antiga Aliança. A nação rebelde, que rejeitou finalmente o

seu Messias, ressuscita como um novo Israel — a Nova Jerusalém. Esta é a ressurreição nacional de Israel.

A Igreja não substitui Israel, mas é a continuação da nação de Israel — agora não mais limitada a um território geográfico ou a uma cidade localizada no Oriente Médio. O autor de Hebreus deixa isso bem claro ao afirmar que os cristãos já “chegaram ao monte Sião, à Jerusalém celestial, à cidade do Deus vivo. Chegaram aos milhares de milhares de anjos em alegre reunião” (Hebreus 12:22).

Embora a nação de Israel tenha morrido há dois mil anos por meio do juízo Divino ocorrido no ano 70 d.C., muitos em nosso tempo ainda tentam ressuscitá-la de forma carnal. Alguns afirmam que a fundação do Estado judeu em 14 de maio de 1948 foi um milagre e a restauração daquela nação. Outros, como Franklin Ferreira, parecem contrariar a teologia da reconciliação ensinada pelo apóstolo Paulo (cf. Romanos 11:15; 2ª Coríntios 5:17; Colossenses 1:19–22; Colossenses 3:11).

O livro de Franklin Ferreira, *Por Amor de Sião* — que será aqui analisado e, quando necessário, refutado — se assemelha, em muitos pontos, a uma obra de tom dispensacionalista, especialmente ao apresentar o retorno do povo judeu à Terra e o estabelecimento do Estado de Israel como cumprimentos proféticos e sinais escatológicos.

A ideia defendida na obra de que a eleição nacional de Israel ainda persiste, e de que o povo judeu e sua terra continuam ocupando um lugar central no Plano Divino, bem como a crença de que o retorno moderno a Israel possui caráter profético e escatológico, acaba por reforçar a narrativa da teologia dispensacionalista<sup>2</sup> — uma doutrina

---

<sup>2</sup> O Dispensacionalismo é uma corrente teológica que divide a história em eras (dispensações) distintas e ensina que Deus tem planos separados para Israel e para a Igreja. Escatologicamente, defende: o arrebatamento secreto da Igreja, a Grande

que tem causado grande confusão no meio evangélico. Tal apoio irrestrito ao Estado de Israel, muitas vezes, se aproxima de uma espécie de judaicolatria, que em nada contribui para a compreensão bíblica do Evangelho nem para a verdadeira missão da Igreja.

Por isto, diante da idolatria e dos desvios doutrinários em torno da nação de Israel, especialmente entre evangélicos americanos e brasileiros, decidi me dedicar à leitura do livro de Franklin Ferreira. Fiz isso com o propósito de contribuir com o Reino de Deus e com Seu povo eleito: a Igreja, a Nova Jerusalém, o verdadeiro Israel de Deus.

É fato que no Antigo Testamento, a nação de Israel foi por muito tempo reconhecida como o povo especial e exclusivo de Deus. O Dispensacionalismo se baseia na ideia de que essa nação ainda ocupa um lugar único nos Planos Divinos e que, no futuro, voltará a ter um papel central na relação entre Deus e a humanidade. Esse sistema está profundamente alicerçado na separação entre Israel e a Igreja. No entanto, vimos que o Antigo Testamento já antecipava a ampliação de Israel, e o Novo Testamento reforça essa ideia repetidamente, mostrando que a Igreja representa essa nova forma de Israel.

Chamo este e-book de “*O Amor Seletivo por Sião*” porque, na obra de Franklin Ferreira, percebo um amor que se restringe a Israel, ignorando — ou até desprezando — o povo palestino. Mais grave ainda é o fato de que esse tipo de obra contribui para dificultar a evangelização dos muçulmanos. O apego exacerbado a Israel, inclusive com o uso frequente de sua bandeira em nossas igrejas, tende a afastar os muçulmanos do Evangelho de Jesus Cristo.

É lamentável que armadilhas judaizantes continuem, de tempos em tempos, rondando a Igreja de Cristo. Mais lamentável ainda é ver que

---

Tribulação, a conversão nacional de Israel e um reino milenar literal de Cristo em Jerusalém.

Franklin Ferreira, vindo do meio Reformado, não recebe qualquer tipo de contraponto público por parte de seus pares. Será que esse silêncio se dá apenas porque ele é Reformado?

## Citações Iniciais: a Fala Contaminada de Vários Teólogos

Há muito tempo venho alertando que o Dispensacionalismo tem influenciado negativamente não apenas as igrejas pentecostais, mas também algumas comunidades reformadas. Essa preocupação é evidenciada logo no início do livro de Franklin Ferreira, que reúne declarações de diversos pastores e teólogos. Entre eles, destaco F. Solano Portela, que escreveu:

“A resiliência do povo judeu tem intrigado historiadores e teólogos ao longo dos séculos. Como pode uma etnia — forjada no calor de batalhas épicas, sujeita a conquistadores externos, esfacelada e dispersa entre as nações, perseguida por soberanos e autoridades eclesiásticas, escoraçada e desprezada por teólogos — manter por milênios uma identidade como povo e como uma nação que é, em si, exemplo de democracia, eficiência e resistência à tirania e ódio dos vizinhos e de tantos outros ao redor do mundo? Neste livro, o reverendo, professor e escritor Franklin Ferreira aborda essa questão, demonstrando que é possível uma compreensão equilibrada, construída sobre os alicerces da fé cristã. Ele não advoga a exaltação desmedida dos judeus, gerada pelo dispensacionalismo; nem o descarte das enormes evidências de que passado, presente e futuro dessa etnia estão abrigados debaixo do propósito e governo do Deus soberano — descarte encontrado em vários autores reformados. Construindo sua sólida pesquisa e conclusões em cima de uma abordagem histórico-teológica, ele nos

traz uma visão lúcida e tão necessária aos nossos dias, caracterizados por opiniões inconsequentes firmadas em meras repetições”.<sup>3</sup>

Este é um comentário que soa bem dispensacionalista. A frase: “a resiliência do povo judeu tem intrigado historiadores e teólogos ao longo dos séculos”, parece querer mostrar algo milagroso sobre a sobrevivência de Israel. No momento, não vou entrar em detalhes sobre isso. Mas o milagre da Igreja é muitíssimo superior ao suposto milagre chamado Israel.

O milagre da Igreja começou com um pequeno grupo de discípulos, considerados insignificantes na periferia do Império Romano. Mesmo diante de forte perseguição, esses primeiros cristãos conseguiram espalhar a mensagem de Cristo por todo o mundo conhecido. Ao longo dos séculos, a Igreja foi alvo de ataques vindos de várias correntes filosóficas e heréticas, como o Gnosticismo e o Arianismo, que tentaram alterar os fundamentos da doutrina cristã. Esses ataques, longe de serem apenas intelectuais, também assumiram formas de violência, como as brutais perseguições do Império Romano nos primeiros séculos. Porém, ao contrário do que muitos esperavam, a Igreja não desapareceu. Pelo contrário, ela cresceu e se expandiu, preservando sua unidade em torno dos ensinamentos de Cristo.

Em muitos momentos da história, a Igreja enfrentou figuras poderosas, como reis e imperadores, que tentaram destruir ou moldá-la ao seu interesse. O imperador Nero, por exemplo, foi responsável por algumas das mais cruéis perseguições aos cristãos em Roma. Mais tarde, figuras como Carlos Magno e, durante a Reforma, reis como Henrique VIII também tentaram manipular a Igreja para fins pessoais. Mas, a verdadeira força da Igreja não reside nas estruturas

---

<sup>3</sup> Por Amor de Sião – Israel, Igreja e a Fidelidade de Deus, pg. 5. Franklin Ferreira. 1.a edição: 2022. Editora Vida Nova. ©2022, de Edições Vida Nova.

terrenas ou em seus líderes temporais, mas em sua fundação espiritual, sustentada pela presença constante de Cristo.

Além dos desafios externos, a Igreja também enfrentou heresias internas que ameaçaram sua pureza doutrinária. O Arianismo, que negava a Divindade de Cristo, e o Pelagianismo, que distorcia o entendimento da graça divina, foram combatidos com vigor. Mesmo assim, a Igreja jamais se dividiu de maneira irreparável, pois sua essência está em Cristo e não em disputas humanas.

Outro aspecto impressionante desse milagre é a diversidade de povos e culturas que compõem a Igreja. Por um meio misterioso e sobrenatural, a Igreja tem sido capaz de unir pessoas de diferentes origens e línguas, formando uma unidade que transcende qualquer divisão humana. Mesmo em tempos de intensas divisões e em face de ideologias que buscam separar, a Igreja se manteve, mesmo com suas imperfeições, como um símbolo de unidade universal em Cristo.

Em contraste, o suposto milagre da sobrevivência do povo judeu, embora marcante em sua restauração territorial, não teve o mesmo impacto global. Israel é uma nação política, com uma identidade fortemente ligada ao território e à etnia, enquanto a Igreja transcende essas barreiras, permanecendo unida por uma fé comum que não depende de localização geográfica ou de uma etnia específica. A Igreja, ao longo dos séculos, tem sido verdadeiramente uma “luz para as nações”, iluminando o mundo com a mensagem de salvação em Cristo.

Portanto, ao refletirmos sobre a sobrevivência dos judeus e a Igreja, é possível perceber que, embora a suposta restauração de Israel seja um marco histórico significativo, o milagre da Igreja se destaca pela sua continuidade e pela sua resistência ao longo do tempo. A Igreja superou desafios internos e externos, heresias, perseguições e divisões, mantendo sua unidade em Cristo e tendo um impacto eterno na humanidade. Ela é um testemunho vivo da fidelidade de

Deus, que preservou a Igreja por mais de dois mil anos e continuará a sustentá-la até o fim dos tempos.

Infelizmente, há uma tendência crescente entre alguns cristãos de adotar uma visão onde Israel é colocado no centro, substituindo a Igreja em seu papel fundamental.

Para mim, é evidente que Solano Portela não pretende negar o milagre da sobrevivência da Igreja. No entanto, a influência do Dispensacionalismo, que enfeita o cenário de Israel com uma aura quase mística, revela um lado da moeda que merece questionamento — enquanto a história da Igreja é, por si só, inquestionável em sua continuidade e impacto.

A alegação de que Israel é um milagre, nesse contexto, é discutível. Muitas nações surgiram do sofrimento coletivo provocado pelas Primeira e Segunda Guerras Mundiais, recebendo também grande simpatia internacional — Israel não foi um caso isolado nesse aspecto. Além disso, se considerarmos a preservação da identidade nacional e cultural ao longo dos séculos como sinal de milagre, há exemplos igualmente notáveis fora do contexto israelita.

Tome-se, por exemplo, o povo armênio. Após o genocídio de 1915, os armênios foram dispersos pelo mundo, mas mantiveram com vigor sua identidade cultural e religiosa. No final do século XX, com o colapso da União Soviética, a Armênia reconquistou sua independência, mesmo após décadas de diáspora.

Outro exemplo significativo é o dos curdos. Espalhados por diversas nações — Turquia, Iraque, Síria e Irã —, os curdos preservaram sua identidade cultural por milênios. Embora ainda não tenham alcançado plenamente um Estado próprio, seu movimento por autodeterminação segue ativo e resiliente.



Em todos esses casos, o que se vê não é necessariamente um milagre, mas a força de uma identidade cultural e religiosa profundamente enraizada. Isso contrasta fortemente com a Igreja, que, ao longo dos séculos, se compôs de múltiplas etnias, culturas e línguas — e, ainda assim, permanece unida em torno da Pessoa de Jesus Cristo. Essa unidade transcultural é, sim, um fenômeno singular e digno de ser considerado milagroso.

## Erro de Interpretação no Prefácio

O Prefácio de *Por Amor de Sião* foi escrito por Frans Leonard Schalkwijk, presbítero docente das Igrejas Reformadas dos Países Baixos. No início de seu Prefácio, escreveu:

“Israel ocupava, ocupa e ocupará um lugar estratégico na história da salvação. Ocupava, porque Deus disse ao patriarca Abraão: “E todas as famílias da terra serão abençoadas por meio de ti” (Gn 12.3). Ocupa, porque o nosso Senhor e Salvador é “Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão” (Mt 1.1). E ocupará, porque o Messias disse que não voltará “até que venhais a dizer: Bendito o que vem em nome do Senhor” (Mt 23.39). E Deus é fiel”.<sup>4</sup>

Não vou me aprofundar nos detalhes do texto acima, mas quero destacar o ponto que nos interessa. O erro de interpretação está em Mateus 23:39 (conferir Lucas 13:34-35). Para muitos estudiosos da profecia bíblica, esse versículo parece sugerir que a nação de Israel será convertida em algum momento, e que somente então a Grande Tribulação começará. Este parece ser o caso defendido no prefácio de Schalkwijk.

A expressão “Bendito o que vem em nome do Senhor” é uma fórmula tradicionalmente utilizada pelos judeus ao se referirem à

---

<sup>4</sup> Idem nº 3, pg. 34.

Vinda do Messias, uma saudação messiânica equivalente a “Salve, ungido de Deus”. Esta frase teria sido extraída do Salmo 118:26, também conhecido como Canção da Ascensão ou Canção dos Peregrinos. O Salmo era cantado pelos habitantes de Jerusalém aos peregrinos que chegavam à cidade para celebrar um dos três grandes festivais do calendário judaico, especialmente a Festa dos Tabernáculos.

Assim, o momento em que essa saudação seria apropriadamente utilizada chegaria. O Senhor, que havia deixado o templo, retornaria ao templo mais uma vez. Mais do que isso, aquela mesma geração da época de Jesus seria testemunha desse retorno. Isso é claramente implícito nas palavras de Jesus quando Ele disse: “Porque eu vos digo que, desde agora, não me vereis mais, até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor”. Essas palavras perderiam metade de seu significado se as pessoas mencionadas na primeira parte da frase não fossem as mesmas da segunda. Não há nada mais claro e explícito do que a referência inicial e final ao povo de Jerusalém, os contemporâneos de Cristo.

O autor futurista Randall Price é defensor de que Mateus 23:38-39 refere-se a futura conversão de Israel. Ele escreveu:

“Provavelmente, a melhor tentativa de lidar com os textos de transição de Mateus 23:38-39 foi feita por Stanley Toussaint. Ele acredita que Mateus 23:39 fala contra o cumprimento do Discurso das Oliveiras no primeiro século, porque mantém a esperança de uma futura conversão dos judeus como nação. Como isso não aconteceu, argumenta Toussaint, os eventos de Mateus 24 ainda não foram realizados. Ele concorda que o uso de “sua casa” (23:38) se refere à destruição do templo em 70 d.C., mas o versículo 39 descreve o futuro arrependimento de Israel quando eles se lamentarem por causa de seu grande pecado (Zc 12:10)”.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Randall Price and the Transition Texts of Matthew 23:38-39. By Gary DeMar. Site:

O escritor e teólogo Gary DeMar refuta esse argumento dizendo que “dada a gramática do texto, essa interpretação futurista distante é impossível. Como R. T. France argumenta, a palavra “pois, com o qual o versículo começa, a vincula inequivocamente ao abandono de Deus por sua casa no v. 38”. Os dois eventos estão ligados no primeiro século, não separados por quase dois milênios. Se Mateus 23:38 se refere à destruição de Jerusalém em 70 d.C., o mesmo acontece com o que Jesus descreve no versículo 39 e seguintes”.<sup>6</sup>

O fato é que o texto de Mateus 23:39 não oferece suporte para a ideia de uma futura conversão de Israel antes da Grande Tribulação. Eu também acreditava, até algum tempo atrás, com base em Mateus 23:39, que a nação de Israel seria um dia convertida a Cristo. No entanto, sabemos que, como consequência da conversão das nações descrita em Salmos 22:27-31 e Isaías 2:2-4, a Grande Comissão fará discípulos de todos os povos, sem exceção, incluindo o Israel moderno (Mateus 28:19). E isso está alinhado com a promessa de Jesus em João 12:32, quando Ele diz:

“Se eu for levantado, atrairei todos a mim”.

Portanto, é certo que o Israel moderno será alcançado, não por algo profético ou especial, mas porque todas as nações serão convertidas. Assim, a declaração de Jesus em Mateus 23:39 não ensina que Israel será convertido antes da Grande Tribulação, e acredito que essa seja a interpretação correta.

Embora muitos interpretem que Jesus estava profetizando que Jerusalém ficaria desolada até uma futura conversão dos judeus, o texto de Mateus 23:39 não afirma isso. Novamente fazendo referência ao Salmo 118:26, sabe-se que o mesmo tem conexões com

---

[https://www.preteristarchive.com/2004\\_demar\\_randall-price-and-the-transition-texts-ofmatthew-23/](https://www.preteristarchive.com/2004_demar_randall-price-and-the-transition-texts-ofmatthew-23/) Acessado dia 04 de Abril de 2020.

<sup>6</sup> Idem nº 5.

as grandes festas de peregrinação do judaísmo, especialmente a Festa dos Tabernáculos. Os habitantes de Jerusalém cantavam esse salmo para os peregrinos que vinham a Jerusalém para participar dos dias festivos do calendário judaico. O contexto de Mateus 23 é o julgamento iminente sobre Jerusalém, que ocorreria ainda naquela geração dos discípulos. O momento desse julgamento seria durante um dos três grandes festivais de Israel. E, na verdade, foi isso que aconteceu! Nas obras de Flávio Josefo, lemos que o cerco a Jerusalém aconteceu durante a Festa dos Pães Ázimos, quando os judeus foram subitamente cercados pelo exército romano:

“Foram feitos prisioneiros durante esta guerra noventa e sete mil homens e o assédio de Jerusalém custou a vida a um milhão e cem mil homens, dos quais a maior parte, embora judeus de nascimento, não eram nascidos na Judéia, mas lá se encontravam de todas as províncias para **festejar a Páscoa** e haviam ficado presos na cidade por causa da guerra”.

- o grifo é meu.

Sem saber Josefo acaba confirmando que os judeus ‘viram’ a Vinda de Jesus em juízo no tempo de um dos três principais dias de festa, em um dos momentos em que era cantado: “Bendito o que vem em nome do Senhor”.

Assim, a ideia do prefácio de Frans Leonard Schalkwijk de que Israel “ocupará um lugar estratégico na história da salvação”, “porque o Messias disse que não voltará “até que venhais a dizer: Bendito o que vem em nome do Senhor”, realmente não tem base bíblica alguma.

Mas o prefácio de Schalkwijk sobre o livro de Franklin Ferreira não para por aí. Há mais ideias que fazem coral com o Dispensacionalismo. Ele escreveu:

“Que livro fascinante é este, com muitas informações desconhecidas sobre uma discussão fraterna a respeito do relacionamento entre o povo do primeiro pacto com o da nova aliança. Talvez este livro nos ajude também a ouvir as notícias sobre Israel com mais interesse, e prestar atenção ao possível cumprimento das profecias. Pois a melhor interpretação das profecias ainda é seu cumprimento, como os discípulos do Senhor Jesus também descobriram (Jo 2.22). E não precisa ser dispensacionalista para aguardar o cumprimento do “até” profético sobre a volta do Rei (Mt 23.39; 28.29). Sem dúvida podemos ter diferenças de interpretação, mas concordamos sobre três pontos básicos com Franklin: em primeiro lugar, a Igreja não é o substituto de Israel, mas foi enxertada no tronco; em segundo, Israel está voltando para sua terra prometida; em terceiro, aguardamos grandes bênçãos depois dessa volta. No momento, o mais visível desses três pontos é a volta em curso há mais de um século; esse é um fato da história geral. Mas será que essa volta dos judeus teria alguma importância para a história da igreja e, quem sabe, até funciona no círculo da história da salvação? Pois assim, não seria um “sinal do tempo”?<sup>7</sup>

As “notícias sobre Israel”, o “possível cumprimento das profecias” e a ideia de que “Israel está retornando à sua terra prometida” são exemplos típicos da narrativa dispensacionalista, que se apoia em uma escatologia sensacionalista e muitas vezes superficial. De fato, o Dispensacionalismo exerceu uma influência considerável sobre uma parte significativa do protestantismo. O problema é que muitos judeus não veem com bons olhos o que muitos cristãos pensam de seu povo retornando à sua terra prometida (Israel). O teólogo Gary DeMar cita que na Convenção Nacional Democrata de 2012, Mark Alan Siegel, que atuou como presidente do Partido Democrático do Condado de Palm Beach, na Flórida, disse a um entrevistador o seguinte sobre o que ele pensava das relações cristãs e judaicas:

---

<sup>7</sup> Idem nº 3, pg. 34.

“Os cristãos só querem que estejamos lá para que possamos ser massacrados e convertidos e trazer a segunda vinda de Jesus Cristo. Os piores aliados possíveis para o estado judeu são os cristãos fundamentalistas que querem que os judeus morram e se convertam para que possam trazer a segunda vinda do seu Senhor. É uma falsa amizade. Eles estão buscando seus próprios fins e não os nossos. Não acredito que os fundamentalistas que defendem um Israel maior sejam amigos do Estado judeu”.<sup>8</sup>

Embora possa parecer apenas ideias malucas, o Sr. Siegel as tirou de uma visão predominante entre os intérpretes dispensacionalistas. Um escritor cita essa visão ao dizer que “[o] período de grande tribulação entre as duas fases da Segunda Vinda de Jesus é retratado pelos dispensacionalistas como um tempo de terrível sofrimento e destruição do povo judeu”.<sup>9</sup> Na edição de 18 de setembro de 1991 do “Clube 700”, Sid Roth, apresentador da “Visão Messiânica”, declarou que “dois terços do povo judeu [que vive em Israel] serão exterminados” durante uma futura Grande Tribulação”.<sup>10</sup> Esse autor se baseou em Zacarias 13:8-9.

---

<sup>8</sup> 3 Questões sobre o Futuro de Israel, pg. 11. Gary DeMar. Publicado pela Revista Cristã Última Chamada. Edição de Outubro de 2023. Site: [https://www.revistacrista.org/literatura\\_Tres\\_Questoes\\_sobre\\_o\\_Futuro\\_de\\_Israel.html](https://www.revistacrista.org/literatura_Tres_Questoes_sobre_o_Futuro_de_Israel.html) Acessado dia 25/07/2025

<sup>9</sup> Stephen R. Haynes, Testemunhas Relutantes: Judeus e a Imaginação Cristã (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 1995), 162. Citado por Gary DeMar, idem nº 8, pg. 11.

<sup>10</sup> Dr. Brown relatou esses eventos no prefácio de seu livro *Our Hands are Stained with Blood* : “Embora pareça mais um pesadelo do que realidade, multidões enfurecidas de jovens negros de Nova York organizaram tumultos antijudaicos em setembro de 1991, gritando: 'Heil Hitler! Mate os judeus sujos!' Eles saquearam lojas judaicas, vandalizaram escolas judaicas, saquearam sinagogas judaicas – até mataram um estudante judeu, ferindo vários outros também.” Um incidente como este pode ser atribuído à “Teologia da Substituição”? Dr. Brown pensa assim, mas eu não. Uma coisa não tem a ver com a outra. O ataque do Hamas a Israel em Outubro de 2023 foi o resultado de uma crença na “Teologia da Substituição”? Não era. E os muçulmanos

Mais detalhes sobre as questões envolvendo Israel serão abordados com mais profundidade ao longo deste e-book.

---

na Austrália que apoiavam o Hamas contra Israel e gritavam “Gás nos Judeus” e F\*\*\* os Judeus? Citado por Gary DeMar, *idem* nº 8, pg. 11.



## - Capítulo 1 -

### Razões e Delimitação

---

O teólogo Franklin Ferreira começa sua introdução dizendo que seu livro nasceu de sua “busca para entender algumas questões relacionadas entre si, mesmo que não pretenda dar a elas uma resposta exaustiva: O que os cristãos reformados — que amavam a língua hebraica, os judeus e a terra de Israel — acreditavam, entre os séculos 16 e 19, sobre a grande conversão dos judeus ao Messias, antes de sua segunda vinda? O que os cristãos reformados pensavam sobre o retorno dos judeus para a sua terra ancestral nesse mesmo período? Os cristãos reformados teriam visto este retorno como o cumprimento de profecias bíblicas? Essas perguntas me serviram de ponto de partida para uma pesquisa que, com o passar do tempo, ampliou o escopo e o alcance das questões”.<sup>11</sup> Franklin Ferreira continua dizendo que seu livro “foi preparado como um apelo para que os cristãos reconsiderem essas questões. A tradição reformada acabou se voltando mais e mais para o mundo gentílico a ponto de, a partir do século 20, abandonar a sua tradição de buscar os perdidos de Israel. Parece-me que este é um momento propício para redescobrimos, no contexto doutrinário da teologia reformada, oportunidades para encorajar cristãos das mais diversas tradições a servirem aos judeus. Em outras palavras, a fé reformada tem perspectivas que podem contribuir para uma reavaliação da relação dos cristãos com os judeus”.<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> Idem nº 3, pg. 45.

<sup>12</sup> Idem nº 3, pg. 45.

Mas a questão é: os judeus já não são alcançados pelos cristãos? Não existem missionários ou judeus messiânicos dedicados a evangelizar o povo de Israel? O foco do livro de Ferreira está direcionado exclusivamente para Israel, enquanto o discipulado e pregação do Evangelho, de acordo com os ensinamentos de Jesus, deveriam ser voltados para todas as nações. Não se deve haver amor apenas por Sião, mas por todos. É fato bíblico incontestável que a nação de Israel não está mais em destaque entre as nações. Isto pode ser visto na parábola do Grande Julgamento em Mateus 25:31-46, onde “todas as nações serão reunidas diante dele” (verso 32), sem que Israel esteja em destaque entre elas.

Por outro lado, graças a Deus que Franklin Ferreira acredita que “os árabes palestinos merecem uma pátria e um estado, mas há carência de líderes palestinos para orientá-los nessa direção”.<sup>13</sup> Ferreira ainda acrescenta que as principais lideranças políticas dos palestinos “recusaram ofertas de Israel que poderiam ter promovido esse intento. Fica evidente que eles querem apenas a destruição de Israel”.<sup>14</sup> Mas também discordo de Ferreira que ficar ao lado de Israel tenha como fundamento “questões bíblicas e doutrinárias” como são abordadas em seu livro.<sup>15</sup> Creio na possibilidade de ficar ao lado de Israel apenas do ponto de vista daquilo que é justo e reto aos olhos de Deus, assim como em favor dos palestinos, mas não como algo de cumprimento profético ou doutrina.

Mas, prosseguindo minha leitura da obra de Franklin Ferreira, me deparei com uma declaração que me deixou pasmo. Ao comentar sobre as principais guerras do Oriente Médio contra Israel — em 1948, 1967 e 1973 —, todas instigadas principalmente por Egito, Jordânia, Iraque, Síria e Arábia Saudita, Franklin Ferreira afirma que

---

<sup>13</sup> Idem nº 3, pg. 52.

<sup>14</sup> Idem nº 3, pg. 52.

<sup>15</sup> Idem nº 3, pg. 53.

essas guerras do mundo árabe tratam-se de um “ódio virulento”, que “excluiria totalmente Israel do minúsculo território que ocupa”.<sup>16</sup> E agora vem o pior:

“Com a completa extinção física de todos os judeus da face da terra, a demonstração e prova da existência de Deus entraria em colapso, e a igreja perderia sua razão de ser: a igreja cairia. Como veremos adiante, o futuro da igreja está na salvação de todo o Israel”.<sup>17</sup>

Baseado nesta declaração vejo que na teologia de Franklin Ferreira “a demonstração e prova da existência de Deus” é dependente exclusivamente da existência de um povo, no caso, o povo judeu e sua nação. Isso é uma afirmação teologicamente problemática, caso se entenda que Deus só é demonstrável por meio da existência de Israel. Isso não nega diretamente a autoexistência de Deus, mas pode limitar indevidamente a Revelação Divina a uma mediação humana exclusiva, o que contraria diversos ensinamentos bíblicos (confira Êxodo 3:14; Salmo 19:1).

Em Romanos 1:19-20, o apóstolo Paulo deixa claro que a própria criação já revela Deus, de modo que ninguém pode alegar ignorância. A existência de Deus é demonstrável mesmo fora da Aliança com Israel.

Mesmo que Franklin Ferreira tenha querido destacar o papel profético e escatológico de Israel na história da redenção (algo que muitos cristãos reconhecem), afirmar que a demonstração da existência de Deus depende exclusivamente da existência de Israel seria um erro teológico grave, pois contradiz a autoexistência de Deus e a revelação natural descrita nas Escrituras.

---

<sup>16</sup> Idem nº 3, pg. 53.

<sup>17</sup> Idem nº 3, pg. 53.

A afirmação de Franklin Ferreira de que “a Igreja cairia” com a extinção de Israel é teologicamente falha e compromete a verdadeira razão da existência da Igreja. A Igreja não depende da existência física de um povo ou nação para cumprir sua missão, pois sua razão de ser está firmada em Cristo, e não em Israel. Jesus disse, em Mateus 16:18, que “as portas do inferno não prevaleceriam contra a Igreja”, o que revela que sua continuidade e propósito não estão atrelados à existência de uma nação específica, mas sim à obra redentora de Cristo.

Além disso, Colossenses 1:18 afirma que “Ele é a cabeça do corpo, que é a Igreja”, indicando que a Igreja tem sua razão de ser na Pessoa e obra de Jesus Cristo, não em qualquer fator externo. Portanto, mesmo que Israel como nação fosse exterminado, a Igreja continuaria firme, pois ela é sustentada pelo Cristo vivo e ressuscitado, que é o “fundamento e alicerce” da fé (1ª Coríntios 3:11).

Na teologia cristã ortodoxa (e na tradição reformada à qual Ferreira se alinha), Deus é autoexistente (aseidade de Deus) e independe de qualquer criatura para existir, se revelar ou se provar. Adiante, quero analisar especificamente a frase: “o futuro da igreja está na salvação de todo o Israel”. No pequeno texto de Franklin Ferreira citado acima, há, basicamente, três absurdos. O primeiro compromete a autoexistência de Deus, o segundo afeta a Cristologia, e o terceiro coloca o futuro da Igreja como se dependesse da salvação de Israel.

## - Capítulo 2 -

### Sionismo Cristão e Judaico

---

Franklin Ferreira continua a introdução de seu livro no tópico sobre o Sionismo Cristão e Judaico. Ele afirma:

“Proponho um estudo do que se chama sionismo cristão, que busca fundamentar na Escritura seu apoio a Israel, por crer que Deus permanece fiel em manter suas promessas feitas a Abraão e aos seus descendentes”.<sup>18</sup>

Essa declaração é, por si só, curiosa, pois não parece ter havido, da parte dos apóstolos e escritores do Novo Testamento, uma preocupação com qualquer tipo de “apoio a Israel” nos moldes em que hoje se entende. Franklin Ferreira continua:

“Espero deixar claro no decorrer da obra que o sionismo cristão precede o sionismo judaico em pelo menos 200 anos”.<sup>19</sup>

Isso parece não estar de acordo com a realidade, pois o professor Magno Paganelli de Souza diz que essa declaração é “um anacronismo, já que o termo “sionismo” foi criado em 1885 pelo escritor judeu-austriaco Nathan Birnbaum, é [uma] tentativa de agradar à comunidade judaica, como cristãos adventistas fizeram no passado (Paganelli,

---

<sup>18</sup> Idem nº 3, pg. 54.

<sup>19</sup> Idem nº 3, pg. 54.

2018)”.<sup>20</sup> Concordo com a citação que Ferreira faz de Darrell Bock, quando este disse que “Israel tem o direito de existir com as mesmas garantias aos direitos humanos e segurança que os demais povos têm”,<sup>21</sup> mas discordo biblicamente quando Ferreira diz que “o sionismo cristão é mais do que isso, porque estabelece uma defesa teológica para o direito de [Israel] existir, além do mero conservadorismo [...]”.<sup>22</sup> Ferreira ainda acrescenta que “o sionismo cristão defende que Israel possui um futuro corporativo no plano de Deus e, como nação, tem o direito à terra no Oriente Médio”,<sup>23</sup> algo que está em desacordo com o ensino bíblico. Ainda que alguém possa crer que a frase “todo o Israel será salvo” de Romanos 11:26 seja uma profecia para o povo judeu em nosso futuro, todavia, isso não indica um direito biblicamente fundamentado de que os judeus teriam que voltar para sua antiga terra no Oriente Médio. É muito estranho que Romanos 11:26 seja o único versículo do Novo Testamento onde uma futura conversão de Israel seja prevista.

---

<sup>20</sup> de Souza, M. P. (2024). Por amor à Sião e desprezo à Ramallah?. PLURA, Revista De Estudos De Religião PLURA, Journal for the Study of Religion, 15(1), 399–407. Recuperado de <https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/article/view/2262>

<sup>21</sup> Idem nº 3, pg. 54.

<sup>22</sup> Idem nº 3, pg. 54.

<sup>23</sup> Idem nº 3, pg. 54.

## - Capítulo 3 -

### A Eleição de Israel

---

Franklin Ferreira continua sua introdução com o tópico “A eleição de Israel”. Embora se diga que Ferreira “não advoga a exaltação desmedida dos judeus, gerada pelo dispensacionalismo”,<sup>24</sup> elementos semelhantes dessa visão escatológica pode ser encontrada em sua obra. Ferreira cita R. K. Soulen que diz que “o período intermediário foi o período da cristandade, que Soulen vê como caracterizado não apenas por uma atitude de triunfalismo por parte dos cristãos em relação ao povo judeu, mas também por “uma avaliação gnóstica latente do envolvimento de Deus no reino da história pública”.<sup>25</sup>

A ideia de que um “período intermediário foi o período da cristandade” se parece com a ideia dispensacionalista de que a Igreja é um “parêntese” nos planos de Deus. Sobre esse “parêntese” um autor dispensacionalista escreveu:

“O apóstolo Paulo, a quem foi confiado esse segredo que nenhum dos profetas do Antigo Testamento tinha previsto, também recebeu de Deus a revelação de que Israel seria deixado de lado por um tempo. É o parêntese, o período em que o relógio profético parou de bater até que termine o tempo da igreja na terra. Paulo fala disso aos romanos: “Irmãos, não quero que ignorem este mistério, para que não

---

<sup>24</sup> Idem nº 3, pg. 5.

<sup>25</sup> Idem nº 3, pg. 57.



se tornem presunçosos: Israel experimentou um endurecimento em parte, até que chegasse a plenitude dos gentios" (Rm 11:25)".<sup>26</sup>

- O grifo é meu.

Não há como ignorar a semelhança com a perspectiva dispensacionalista: se Israel foi disperso no ano 70 d.C. com a intenção de cumprir um papel futuro no fim dos tempos, então a Igreja teria assumido seu lugar temporariamente, criando um tipo de parêntese na história. Ferreira e seus simpatizantes talvez não se identifiquem como dispensacionalistas, mas, no fim das contas, acabam incorporando ideias muito semelhantes às desse sistema.

Durante anos, estive preso ao sistema dispensacionalista e, ao ler a obra de Franklin Ferreira, percebo-me novamente diante de uma estrutura muito semelhante. Ferreira talvez tente argumentar no sentido de afastar-se dessa associação, mas apenas alguém sem familiaridade com o Dispensacionalismo não perceberia as semelhanças. Ao me deparar com seus escritos, tenho a nítida sensação de estar de volta a esse sistema. Não digo isso como uma crítica, mas como uma constatação pessoal.

Abordarei mais detalhes sobre a eleição de Israel à medida que avanço neste estudo.

---

<sup>26</sup> #323 O parêntese. Site: <https://www.3minutos.net/2012/04/323-o-parentese.html>  
Acessado dia 01/08/2025

## - Capítulo 4 -

### O Triunfo do Reino de Deus

---

Franklin Ferreira parece reconhecer que seu sionismo e sua defesa de Israel guardam semelhanças com o Dispensacionalismo. Ele próprio aborda essa questão no tópico “O triunfo do reino de Deus”, onde procura se defender dessa associação:

“O dispensacionalismo clássico apresenta destinos completamente distintos a Israel e à igreja no fim dos tempos, nenhum dos quais corre ao mesmo tempo. Esta compreensão da escatologia está tradicionalmente ligada a um cronograma elaborado e detalhado de eventos que ocorrerão no tempo do fim, dominados pela grande tribulação e um arrebatamento da igreja, que deixa os judeus e o resto do mundo para trás. **Como veremos, não é necessário apoiar o dispensacionalismo para afirmar que tanto o povo quanto a terra de Israel continuam relevantes para o futuro da redenção e, sobretudo, para crer que as promessas de Deus sobre a terra foram dadas literalmente aos filhos e filhas físicos de Abraão, Isaque e Jacó.**

**Portanto, o sionismo cristão que proponho não está conectado ao dispensacionalismo, mas inserido firmemente na tradição reformada,** em diálogo com a tradição luterana, católica romana e judaico-messianica”.<sup>27</sup>

---

<sup>27</sup> Idem nº 3, pg. 58.

Franklin Ferreira continua e diz algo blasfemo e absurdo:

**“Uma das convicções que perpassam essa obra é a crença de que a Escritura afirma que Deus salva o mundo por meio de Israel e do israelita perfeito, o Messias Jesus, o eterno Filho de Deus, também filho de Davi [...]”**<sup>28</sup>

O mundo agora tem dois Salvadores? Ele vinculou a salvação a um local terreno e a um espiritual, o Cristo. É óbvio que Franklin Ferreira irá se explicar e se defender muito bem, mas a construção dessa frase foi infeliz e coloca Israel no mesmo plano de igualdade com Cristo. Por conta dessa frase infeliz, alguns me disseram que enquanto a Igreja Católica mostra Maria como co-redentora e o Dispensacionismo tem a mesma demonstração por Israel como co-redentor, Franklin Ferreira está expressando exatamente o mesmo – ainda que não seja intencional de sua parte. O pensamento de Ferreira é bem parecido com o do judaísmo atual, em que os estudiosos e rabinos judeus, em geral, não interpretam Isaías 53 como uma profecia sobre um indivíduo messiânico que morre pelos pecados do mundo. Em vez disso, eles geralmente entendem que o “servo sofredor” é o povo de Israel. Neste caso, “Deus salva o mundo [também] por meio de Israel” como afirma Ferreira.

Nas Escrituras Sagradas na maioria esmagadora das vezes encontramos a palavra “salvador” no singular, com exceção do caso de Juízes 3:9 que, em algumas versões, se diz:

“Então o Senhor levantou salvadores para os filhos de Israel, que os livraram: Otniel, filho de Quenaz, irmão mais novo de Calebe”.

— Almeida Revista e Corrigida.

Nessa passagem, a palavra hebraica usada pode ser traduzida como “salvadores” ou “libertadores”, no plural, e se refere a juízes

---

<sup>28</sup> Idem nº 3, pg. 58.

levantados por Deus para libertar o povo de Israel da opressão. O Senhor Deus é como o único Salvador, e, no Novo Testamento, essa função é atribuída também a Jesus Cristo:

“Eu, eu sou o Senhor, e fora de mim não há salvador”.

- Isaías 43:11

“Hoje vos nasceu, na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor”.

- Lucas 2:11

Ferreira continua a frase anterior com outra blasfêmia:

“...assim, a Escritura seria incoerente e a salvação impossível sem Israel”.<sup>29</sup>

A “salvação [seria] impossível sem Israel”? O Senhor Jesus vai contra esta declaração, quando disse:

“Não pensem que vocês podem dizer a si mesmos: ‘Abraão é nosso pai’. Pois eu lhes digo que destas pedras Deus pode fazer surgir filhos a Abraão”.

- Mateus 3:9

Franklin Ferreira não pode fugir de sua infeliz declaração acima. O certo é que ele tivesse escrito que a nação de Israel foi um “instrumento de Deus” para a salvação do mundo. “A salvação vem dos judeus” (João 4:22) no sentido de que Deus escolheu Israel como Seu povo para, por meio deles, revelar a Lei, os profetas e, finalmente, o Messias (Jesus), que nasceu judeu. A Escritura é muito clara quando diz que exclusivamente “ao Senhor pertence a salvação...” (Jonas 2:9; Apocalipse 7:10).

A frase acima de que “a Escritura afirma que Deus salva o mundo

---

<sup>29</sup> Idem nº 3, pg. 59.

por meio de Israel e do israelita perfeito, o Messias Jesus”, é semelhante à de Apocalipse 7:10 que diz:

“E clamavam em alta voz: “A salvação pertence ao nosso Deus, que se assenta no trono, e ao Cordeiro”.

O Cordeiro (Jesus) está no mesmo plano de igualdade com o Pai na Salvação. A Frase de Ferreira dá a entender que:

“A salvação pertence ao nosso Deus, que se assenta no trono, e ao Cordeiro **[e a Israel]**”.

E se além de Jesus Cristo “a Escritura afirma que Deus salva o mundo [também] por meio de Israel”, quanto mais por meio da Igreja, pois dela se diz que daria os frutos que Israel não deu:

“Portanto eu lhes digo que o Reino de Deus será tirado de vocês e será dado a um povo que dê os frutos do Reino”.

- Mateus 21:43

Franklin Ferreira continua dizendo que:

“...confesso com vergonha que eu mesmo usei no passado uma linguagem supersessionista, supondo que a Igreja substituiu Israel. Portanto, essa obra visa corrigir o que escrevi anteriormente — e o leitor terá sua atenção chamada para esse ponto no capítulo em que são abordadas a eleição e a aliança”.<sup>30</sup>

Fico me perguntando como um teólogo, com acesso a tantos conhecimentos, pôde permanecer tanto tempo sem considerar uma alternativa como a que abraço — na qual creio que a Igreja não substituiu Israel, mas o continua, produzindo os frutos que a nação segundo a carne não gerou.

---

<sup>30</sup> Idem nº 3, pg. 62.

Na sequência, ele cita Cranfield falando sobre a Igreja “em se recusar a aprender a mensagem de Romanos 9—11, em que secretamente — talvez inconscientemente — acredite que sua própria existência é baseada na realização humana, ela [a Igreja] falha em compreender a riqueza da misericórdia de Deus para consigo mesma, que é incapaz de crer na misericórdia de Deus pelo Israel ainda descrente, e assim alimenta a noção grosseira e antibíblica de que Deus rejeitou seu povo Israel e simplesmente o substituiu pela Igreja cristã”.<sup>31</sup> Mas quem disse que Deus rejeitou o povo de Israel? Não foram os apóstolos e posteriormente tantos outros judeus que receberam a graça de se converterem ao Senhor? O apóstolo Paulo não foi um grande exemplo disso? O que mais Ferreira e Cranfield esperam que a Igreja faça a Israel? Desde os primeiros passos na Fé Cristã nunca fui ensinado ou me passaram a noção de que Deus teria rejeitado o povo de Israel, mas aprendi que qualquer judeu que recebesse a Cristo poderia ser salvo. Embora alguns possam ter dito que Deus rejeitou o povo de Israel, isso não condiz com que a Bíblia diz.

---

<sup>31</sup> Idem nº 3, pg. 62.

## - Capítulo 5 -

### A Eleição Soberana e Graciosa

---

Ferreira fala a respeito da eleição soberana de Deus para salvar os pecadores. Após fazer uma breve introdução sobre o assunto, ele passa a falar do reformador João Calvino, que “tratou do tema da eleição corporativa contínua de Israel”.<sup>32</sup> Ferreira diz que Calvino “reconheceu que a predestinação não trata apenas a respeito de indivíduos, mas também da “família inteira de Abraão, mostrando assim que Ele mesmo é o árbitro do estado e da condição de toda nação”.<sup>33</sup> Assim, justifica a eleição geral de Israel como nação e como povo baseada em Gênesis 12.1-3. Ferreira também reconhece que o fato de Deus ter as nações em Suas mãos é que lhe dá direito de poder escolher.<sup>34</sup> Assim interpretando, ele reconhece que “a soberania do Senhor sobre as nações revela-se também na eleição de Israel”, na medida em que “o governo universal do Senhor é o pressuposto da eleição de Israel”.<sup>35</sup> Corretamente Ferreira observa que “esta eleição [de Israel] não implica [...] em favoritismo, nem serve [...] como garantia de salvação individual. Ao contrário [...] Gênesis 12.1-3 é uma comissão a Israel para ser um canal de bênção entre as nações. Ou seja, a eleição [de Israel] implica missão”.<sup>36</sup>

---

<sup>32</sup> Idem nº 3, pg. 201.

<sup>33</sup> Idem nº 3, pg. 201.

<sup>34</sup> Idem nº 3, pg. 202.

<sup>35</sup> Idem nº 3, pg. 202.

<sup>36</sup> Idem nº 3, pg. 202.

Mas uma “eleição corporativa contínua de Israel” não implica que a nação territorial no Oriente Médio esteja de pé como instrumento de Deus ou como nação do Senhor que cumprirá algum propósito no fim dos tempos. Podemos observar que os próprios argumentos de Ferreira desmentem sua tese, quando cita uma passagem bíblica que é central à noção da eleição de Israel. A passagem está em Êxodo 19.4-6:

“Vistes o que fiz aos egípcios e como vos carreguei sobre asas de águias e vos trouxe a mim. Agora, portanto, se ouvirdes atentamente a minha voz e guardardes a minha aliança, sereis minha propriedade exclusiva dentre todos os povos, porque toda a terra é minha; mas vós sereis para mim reino de sacerdotes e nação santa. Essas são as palavras que falarás aos israelitas”.

Essas mesmas palavras são agora aplicadas à Igreja. Assim como o Senhor disse sobre Israel em Êxodo 19 e Oséias 1-2, no Novo Testamento a Igreja é descrita por Pedro como “raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus” (1ª Pedro 2:9). Isto não é substituição, mas significa que o Israel espiritual, a ekklesia ou congregação do Antigo Testamento continua. Para Deus a Igreja é agora Israel, o Seu povo escolhido. Várias aplicações para a nação de Israel no Antigo Testamento são agora aplicadas e ampliadas a Igreja. Veja em Hebreus 12:22 como nomes ou termos do Antigo Testamento agora são ampliados:

“Mas vocês chegaram ao monte Sião, à Jerusalém celestial, à cidade do Deus vivo. Chegaram aos milhares de milhares de anjos em alegre reunião...”.

Os cristãos do mundo todo chegaram “ao monte Sião, à Jerusalém celestial, à cidade do Deus vivo”. A nação de Israel continua na Igreja por causa dessa eleição contínua, pois desde a eternidade a Igreja é eleita de Deus. A Igreja é chamada de “à senhora eleita” (2ª João 1:1), corporativamente conhecida desde antes da fundação do mundo. A



proposta de Ferreira em seu livro dá a entender que Israel é um povo a parte ainda, fora da Igreja. Mas o apóstolo Paulo fala que os gentios antes da conversão eram “separados da comunidade de Israel” (Efésios 2:12) e que dos judeus e pagãos Cristo “fez um e destruiu a barreira, o muro de inimizade” (Efésios 2:14-16). Se os gentios (pagãos) eram “separados da comunidade de Israel” antes de Cristo, isso indica que agora, em Cristo, estão incluídos nessa comunidade — não mais limitada a uma nação localizada no Oriente Médio, mas ampliada para todo o mundo. Essa comunidade transcende as fronteiras étnicas e geográficas, formando o verdadeiro povo de Deus. Isso deveria estar claro para Franklin Ferreira.

O que Ferreira e tantos outros precisam levar em consideração é que quando Hebreus 12:22 foi escrito, a cidade de Jerusalém e a nação de Israel estavam em pé ainda. Mesmo assim, o autor de Hebreus disse que seus primeiros leitores já estavam participando de algo novo, já eram cidadãos do monte Sião, da Jerusalém celestial que é a cidade do Deus vivo. Eles já estavam em uma nova nação cercados de milhares de milhares de anjos e irmãos de todas as partes. Querer manter uma Jerusalém terrena e uma nação chamada Israel em um espaço geográfico é voltar para a escravidão. O apóstolo Paulo deixa isso bem claro em Gálatas 4:26:

“Hagar representa o monte Sinai, na Arábia, e corresponde à atual cidade de Jerusalém, que está escravizada com os seus filhos.

Mas a Jerusalém do alto é livre, e essa é a nossa mãe”.

Essas palavras não dão espaço para uma nação e sua capital terrena que no futuro serão instrumentos de Deus para o estabelecimento de Seu domínio das nações. É justamente isto que Franklin Ferreira pensa:

“Mas, ao refletirmos sobre a eleição corporativa de Israel, surge a pergunta: “Se Israel é eleito de Deus, podemos perguntar: eleitos para quê? Para testemunhar que Deus é o Criador e aquele que os

estabeleceu como nação. O shabat e a Páscoa proclamam o chamado de Israel.<sup>37</sup> Na preservação de Israel, o mundo pode ver a fidelidade de Deus. **Como nação, Israel ainda será o instrumento de Deus para estabelecer seu domínio sobre todas as nações**.<sup>37</sup>

- O grifo é meu.

A grande questão é: onde está isso escrito na Bíblia? Qual profecia afirma que Israel ainda terá algum papel de relevância global? Se a missão de Israel, como povo eleito, era anunciar entre as nações os grandes feitos do Senhor — para que elas se convertessem — conforme está registrado nos Salmos 9:11-12; 18:49; 57:11; 98:4-6; 105:1-45; 117:1-2, é importante lembrar que Israel não cumpriu essa missão. Se o conhecimento do Senhor entre as nações dependesse exclusivamente de Israel, então Israel falhou em cumprir essa missão — e Deus a confiou à Igreja, que agora é o Israel de Deus. Mais uma vez, não se trata de substituição, mas de continuação: o remanescente salvo de Israel permanece na Igreja.

Quem, de fato, produz esses frutos é a Igreja. Como está claramente declarado nas palavras de Jesus:

“Portanto eu lhes digo que o Reino de Deus será tirado de vocês e será dado a um povo que dê os frutos do Reino”.

— Mateus 21:43

Precisamos de algo mais claro do que este versículo? Se for o caso, vou esclarecer mais. Veja o exemplo da Nova Jerusalém descrita em Apocalipse 21:2. O fato de haver uma Nova Jerusalém, identificada como a esposa do Cordeiro, indica que a antiga ordem representada pela Jerusalém terrestre foi superada. Como vimos anteriormente em Gálatas 4:26, há um contraste claro entre duas Jerusaléns: a Jerusalém terrena, associada à escravidão sob a antiga Aliança, e a Jerusalém do

---

<sup>37</sup> Idem nº 3, pg. 204.

Alto, que é livre e representa a Nova Aliança.

Dessa forma, não há base bíblica para se esperar que, no futuro da história humana, uma Jerusalém terrestre ou mesmo uma nação de Israel desempenhem novamente um papel central nos propósitos redentivos de Deus. A Igreja, composta de judeus e gentios em Cristo, é agora o verdadeiro “Israel de Deus” (Gálatas 6:16), e a Nova Jerusalém é símbolo da plena restauração do Reino prometido a Israel — agora ampliado e universalizado, não restrito a uma localização geográfica no Oriente Médio, mas estendido a todos os povos e nações por meio do Evangelho.

## - Capítulo 6 -

### A Salvação de Israel

---

Ferreira diz que o apóstolo Paulo “após advertir os crentes gentios do perigo da arrogância diante dos judeus (11.17-21), ele usa a analogia da oliveira para explicar o lugar que Israel ocupa na história da redenção (11.16-24)”.<sup>38</sup> E acrescenta:

“E em nenhum momento Paulo sugere que a oliveira, Israel, pode ser cortada e substituída por outra. Israel experimentou um “endurecimento parcial”, até que tivesse entrado “o número completo dos gentios” (11.19-25). Mas, mesmo na incredulidade, permaneceu um remanescente em Israel de acordo com a eleição (11.5). Colocando de outra forma, “o ‘Israel’ que será salvo (11.26) é o ‘Israel’ que foi parcialmente endurecido (11.25). Este Israel parcialmente endurecido é distinto dos gentios (11.25) e também é distinto do remanescente de judeus crentes, que não estão endurecidos (11.7)”.

Os ramos gentios enxertados na oliveira não formam uma planta diferente ou separada, mas graciosamente foram ligados a Israel. Assim, “a Igreja não é definida pela diferenciação em relação a Israel, mas sim pela inclusão em Israel e a identificação com as bênçãos de Israel”. Jesus se entregou não apenas por Israel, mas por aqueles dispersos entre as nações, a fim de enxertar todo aquele que nele crê numa única oliveira. É clara uma “distinção básica do Israel histórico das outras nações. Os ramos gentios só florescem

---

<sup>38</sup> Idem nº 3, pg. 207.

como ramos em virtude da raiz” (11.17,18).<sup>3</sup> E é o Deus soberano, que não poupou os ramos naturais, e que graciosamente enxertou os ramos da oliveira brava, que tem poder para enxertar novamente os ramos antigos”.<sup>39</sup>

A frase “a Igreja não é definida pela diferenciação em relação a Israel, mas pela inclusão em Israel e identificação com as bênçãos de Israel” não fala de Israel apenas como uma nação étnica ou geográfica, mas como uma realidade espiritual. A Bíblia distingue o “Israel segundo a carne”, o povo descendente de Abraão, do “Israel espiritual”, formado pelos que creem nas promessas de Deus. Nesse sentido, a Igreja não substitui Israel, mas é enxertada nele — participa do mesmo povo da Aliança e herda, em Cristo, as promessas feitas a Abraão. Assim, “inclusão em Israel” significa fazer parte do verdadeiro povo de Deus pela fé, e não por descendência física. Isto tem que ser bem entendido - por que de outra forma -, vamos fazer coro com os dispensacionalistas dizendo que temos dois povos distintos. A gente fala, por assim dizer, que a Igreja é enxertada em Israel, mas a própria nação de Israel é chamada de “igreja”, “congregação”, pois essa palavra já era usada na Septuaginda (versão grega do Antigo Testamento).

A palavra grega *ekklesiá* (ἐκκλησία) é usada para traduzir termos hebraicos como *qahal* (קָהָל), que significam “assembleia” ou “congregação”. Assim, o povo de Israel — especialmente quando reunido diante de Deus — era chamado de *ekklesiá tou Theou*, isto é, “assembleia (ou igreja) de Deus”. Mais tarde, no Novo Testamento, os cristãos adotaram o mesmo termo *ekklesiá* para se referirem à comunidade dos crentes em Cristo — mostrando continuidade com o povo de Deus do Antigo Testamento.

---

<sup>39</sup> Idem nº 3, pg. 207.

# Todo o Israel será salvo

“E assim todo o Israel será salvo, como está escrito: "Virá de Sião o redentor que desviará de Jacó a impiedade”.

- Romanos 11:26

Ferreira cita que “virá na hora certa e determinada por Deus, uma mudança total na atitude dos judeus em relação a seu Messias”.<sup>40</sup> E acrescenta:

“Assim, “a Igreja está enxertada no verdadeiro povo de Deus da antiguidade: Israel. Quando todo o Israel for salvo, ele continuará sendo uma nação, mas todos também serão parte da congregação” de Jesus, o único Messias”.<sup>41</sup>

A maioria dos comentaristas interpretam Romanos 11:26 como uma profecia sobre uma futura conversão dos judeus à Fé Cristã. Entre os estudiosos pré-milenistas, é comum a crença de que esse acontecimento se dará durante o período de tribulações, pouco antes da volta de Cristo. Já os amilenistas compartilham uma perspectiva semelhante. Por outro lado, muitos pós-milenistas entendem que a conversão dos judeus marcará o início da chamada “era de glória dos últimos dias”.

No entanto, há quem discorde dessas interpretações. Alguns estudiosos afirmam que a expressão “todo o Israel será salvo” não se refere ao povo judeu em si, mas à Igreja — o novo Israel de Deus. Essa linha de pensamento entende que a história de Israel no Antigo Testamento encontra seu cumprimento na formação da Igreja.

Outros comentaristas, por sua vez, defendem que a passagem de

---

<sup>40</sup> Idem nº 3, pg. 208.

<sup>41</sup> Idem nº 3, pg. 210.

Romanos 11 não descreve um evento específico, mas um processo contínuo: ao longo da história da Nova Aliança, judeus vêm se convertendo gradualmente, de modo que o conjunto dessas conversões cumpre a promessa de que “todo o Israel será salvo”.

Mas de que maneira “todo o Israel” será salvo? O que realmente Romanos 11:26 quer dizer, haja vista ser muito estranho que esse texto é o único lugar do Novo Testamento que fala dessa futura conversão dos judeus? É fato que grande parte dos livros do Novo Testamento falam da destruição de Jerusalém ainda no tempo da Igreja primitiva, do Evangelho sendo pregado em todo o mundo romano e sobre a Vinda Final de Nosso Senhor no fim dos tempos. Mas em nenhum outro texto além de Romanos 11:26 se diz nada sobre uma futura conversão dos judeus.

Muitos que leem a afirmação de Paulo em Romanos 11:26 — “E assim todo o Israel será salvo” — ficam se perguntando o que exatamente ele quis dizer com isso. Eu entendo que Israel significa Israel como nação, mas a expressão “todo o Israel” não pode se referir a cada judeu individualmente ao longo da história, nem simplesmente ao Israel existente em um momento específico no fim dos tempos, como parte de algum programa escatológico.

A própria explicação de Paulo em Romanos 9 mostra isso com clareza. Ele diz:

“Não que a palavra de Deus tenha falhado. Pois nem todos os que são de Israel são israelitas; nem por serem descendentes de Abraão são todos seus filhos; mas: ‘Por meio de Isaque será chamada a tua descendência.’ Isto é, não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas os filhos da promessa é que são contados como descendência”.

- Romanos 9:6–7

Aqui, Paulo mostra que ser parte de Israel, no sentido espiritual, não depende apenas da descendência física, mas da promessa. E essa

promessa inclui também os gentios, como ele diz em seguida:

“...aos quais também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios”.

- Romanos 9:24

Eu entendo que, nos dias de Paulo, já estava acontecendo à salvação de um remanescente de Israel, assim como gentios também estavam sendo enxertados na mesma oliveira (Romanos 11:18–19). Ou seja, o cumprimento dessa promessa já estava em andamento na época em que ele escreveu.

O Dispensacionalismo, porém, interpreta de outra forma. Segundo essa visão, depois do Arrebatamento Secreto da Igreja, a nação de Israel ainda passará por um tempo terrível de sofrimento, em que dois terços dos judeus que vivem em Israel seriam mortos. Assim, o texto passaria a significar algo como:

“Todo o que restar de Israel, depois que dois terços forem mortos durante a tribulação, será salvo”.

Mas, para mim, o que muda é o momento do cumprimento. Paulo fala claramente que “um remanescente segundo a eleição da graça” estava sendo salvo no tempo presente (Romanos 11:5), ou seja, no tempo dele.

Já os dispensacionalistas acreditam que esse “remanescente” será salvo em algum momento futuro, quase dois mil anos depois do tempo de Paulo. E eu me pergunto: se o propósito do ministério de Paulo era provocar ciúmes em seus compatriotas “para salvar alguns deles” (Romanos 11:11, 14), como isso faria sentido se o resultado só acontecesse mais de dois mil anos depois?

Mais uma vez, percebo que a questão do tempo é essencial para entender esse tema. Paulo diz:



“Assim também estes agora foram desobedientes, para que, pela misericórdia a vós concedida [aos romanos], eles também agora alcancem misericórdia”.

- Romanos 11:31

Quando olho para o Israel de hoje, vejo que eles não estão com ciúmes pelo fato de os gentios estarem recebendo as bênçãos prometidas a Abraão. A verdade é que a maioria dos judeus ainda não crê que Jesus é o Messias, da mesma forma que muitos também não creram nos dias dos apóstolos.

A própria Bíblia mostra que, no tempo de Paulo, muitos judeus reagiram com inveja à pregação do evangelho:

“Levantando-se, porém, o sumo sacerdote e todos os que estavam com ele (isto é, a seita dos saduceus), **encheram-se de inveja**”.

- Atos 5:17 – o grifo é meu.

“Mas **os judeus, vendo as multidões, encheram-se de inveja**, e blasfemando, contradiziam o que Paulo dizia”.

- Atos 13:45 – o grifo é meu.

“Porém **os judeus, movidos de inveja**, tomando consigo alguns homens perversos dentre os vadios da praça, ajuntando uma turba, alvoroçaram a cidade; e, assaltando a casa de Jasom, procuravam trazê-los para o meio do povo”.

- (Atos 17:5 – o grifo é meu.

“Mas eu digo: Porventura Israel não o soube? Primeiro, Moisés diz: **‘Eu vos provocarei à inveja com o que não é nação; com nação insensata vos irritarei’**”.

- Romanos 10:19b; Deuteronômio 32:21 – o grifo é meu.

“Digo, pois: porventura tropeçaram para que caíssem? De modo nenhum! Mas pela sua transgressão veio a salvação aos gentios, **para os**

**provocar à inveja**”.

- Romanos 11:11 – o grifo é meu.

“Mas falo a vós, gentios: visto que eu sou apóstolo dos gentios, glorifico o meu ministério; para ver se de algum modo **posso provocar ciúmes aos da minha carne e salvar alguns deles**”.

- Romanos 11:13–14 – o grifo é meu.

Quando leio esses textos, percebo que o ciúme de muitos judeus se manifestou através da incredulidade e até da perseguição — tanto contra seus próprios compatriotas quanto contra os gentios que estavam crendo em Cristo.

E então eu me pergunto: como Deus respondeu à incredulidade de Israel? Essa é uma pergunta fundamental para compreender o propósito Divino por trás de tudo isso.

“Eles Me provocaram ciúmes com aquilo que não é Deus; irritaram-Me com os seus ídolos.

Por isso, Eu os provocarei ciúmes com um povo que não é povo; com uma nação insensata os despertarei à ira.

Porque um fogo se acendeu na Minha ira, e arderá até às profundezas do Sheol; consumirá a terra com o seu fruto, e abrasará os fundamentos dos montes.

Amontoarei males sobre eles; esgotarei contra eles as Minhas flechas.

Serão enfraquecidos pela fome, consumidos pela peste e por amarga destruição; enviarei contra eles os dentes das feras, e o veneno das serpentes do pó”.

- Deuteronômio 32:21–24; ver também 1ª Coríntios 10:22.

Eu vejo que Paulo cita parte dessa passagem em Romanos 10:19. Mas quando esse juízo deveria acontecer? Antes que aquela geração passasse. O Senhor Jesus previu isso no Discurso do Monte das Oliveiras (Mateus 24:34; Marcos 13 e Lucas 21).

O apóstolo Paulo escreveu que as “igrejas de Deus em Cristo Jesus

que estão na Judeia” estavam sofrendo “da parte dos judeus, os quais mataram o Senhor Jesus e os profetas, e também nos expulsaram. Eles não agradam a Deus e são contrários a todos os homens, impedindo-nos de falar aos gentios para que estes sejam salvos; com isso, sempre completam a medida dos seus pecados [Mateus 23:32; Atos 7:51–52]. Mas a ira sobreveio sobre eles plenamente” (1ª Tessalonicenses 2:14–16; cf. 1:10; 5:9).

Em vez de se alegrar por ver que os gentios estavam sendo incorporados às bênçãos de Abraão, é perceptível que a reação dos judeus incrédulos foi de ciúmes, o que resultou em perseguição (Atos 17:1–13). Eles se comportaram como Jonas, que se irritou com Deus por ter mostrado misericórdia e convertido os assírios (Jonas 1–4).

A Bíblia nos mostra claramente que os gentios também fariam parte da Aliança abraâmica:

“Ora, a Escritura, prevendo que Deus havia de justificar os gentios [isto é, as nações] pela fé, anunciou primeiro o evangelho a Abraão, dizendo: “Todas as nações serão abençoadas em ti””.

- Gálatas 3:8; Gênesis 12:3

Portanto, não há divisão entre a Igreja e Israel, pois a Igreja primitiva do Novo Testamento era composta, inicialmente, somente por judeus (Atos 5:11; 8:1–3). E em nenhum momento a Bíblia fala que existem dois povos de Deus — vejo que existe apenas um só. Judeus e gentios são salvos da mesma maneira. O Senhor Jesus fez “de ambos um só novo homem” em Cristo (Efésios 2:15). E a única Jerusalém que realmente importa é “a Jerusalém do alto” (Gálatas 4:26; Hebreus 12:18–29; Apocalipse 21).

O Israel de hoje não é diferente do Israel dos dias de Jesus, pois naquela época havia judeus e gentios que criam e judeus e gentios que não criam — e o mesmo acontece hoje. O Evangelho é o mesmo para todos. Assim, “todo o Israel” (remanescente) foi salvo no tempo

da Igreja primitiva. O Reino foi restaurado a Israel com a conversão de cada judeu.

## “até que chegasse a plenitude dos gentios”

“Irmãos, não quero que ignorem este mistério, para que não se tornem presunçosos: Israel experimentou um endurecimento em parte, até que chegasse a plenitude dos gentios.

- Romanos 11:25

Muitos interpretam “a plenitude dos gentios” como a conversão em massa dos não-judeus antes do retorno de Cristo. Seguindo essa linha de raciocínio, alguns estudiosos acreditam que se refere ao número completo de gentios que Deus planejou salvar, enquanto outros veem como um evento futuro, ligado ao cumprimento de promessas de salvação. Assim como outros teólogos, também não creio que significa isso, embora creia que “todos os confins da terra se lembrarão e se voltarão para o Senhor, e todas as famílias das nações se prostrarão diante dele” (Salmos 22:27; ver Isaías 2:2-4). É claro que, quando as nações se converterem ao Senhor, a nação de Israel também participará, caso ainda exista naquele tempo.

O fato de o Evangelho ter alcançado os gentios, e estes estiveram no tempo de Paulo participando das riquezas e promessas do Antigo Testamento, não é a conclusão final da história. Paulo revela que o trabalho realizado pelo Remanescente também produziria frutos entre os israelitas, permitindo que Israel experimente uma “plenitude” (verso 12). Quando essa “plenitude” ocorresse, será como uma “vida dentre os mortos” – ou seja, uma verdadeira ressurreição (verso 15). Voltaremos a este ponto em breve.

Após afirmar que Israel tem um futuro, Paulo exorta os crentes gentios a não se considerarem superiores aos judeus. Da mesma

forma que os judeus não devem dominar os gentios na Igreja, os gentios também não devem desprezar os judeus. Embora Deus tenha enxertado os gentios na linhagem da oliveira patriarcal, Ele também enxertará Israel de volta, formando assim uma Nova Árvore (Romanos 11:16-24).

Nos versículos 25-26, Paulo explica que o endurecimento parcial de Israel, causado por sua apostasia, persistirá até que a “plenitude dos gentios” seja alcançada. Quando isso acontecer, todo Israel (e não apenas o Remanescente) será salvo.

Primeiro, ocorre à plenitude dos gentios, seguida pela plenitude de Israel. O que isso implica? No contexto em questão, acredito que a “plenitude dos gentios” se refere à transferência das riquezas para os gentios, conforme descrito no versículo 12. Esse processo de transferência de tesouros aconteceu ao longo do período intermediário, e é especialmente evidente no fechamento do cânon do Novo Testamento. Nesse ponto, o Novo Testamento interpreta e aplica (ou transfere) os ensinamentos do Antigo Testamento para a realidade da Nova Aliança. A ideia de “plenitude” vai além da simples transmissão de palavras: ela também engloba a conclusão do processo de formação da Igreja da Nova Aliança, o que foi central na missão de Paulo, que buscava provocar Israel.

Assim como o Israel da Antiga Aliança tinha a missão de ministrar aos gentios, pregando e obedecendo à lei de Deus, a Igreja gentil da Nova Aliança deveria agora ministrar a Israel, proclamando a Nova Aliança escrita no Testamento e vivendo de acordo com a justiça Divina. Tal como os gentios da Antiga Aliança poderiam admirar Israel, se fosse fiel (conforme Deuteronômio 4:6-9), os gentios da Nova Aliança deveriam ser fiéis para atrair Israel para a Igreja. Essa troca de papéis pode ser uma explicação para o fato de Jerusalém ser chamada de Babel no livro do Apocalipse.

Por que a plenitude dos gentios teve que ocorrer antes? Porque

somente a partir desse momento seria possível alcançar a plenitude da provocação. A Igreja da Nova Aliança, com sua verdadeira compreensão das Escrituras Hebraicas, teve o efeito de remover progressivamente o véu que cobria as palavras de Moisés (2ª Coríntios 3). Esse véu, na verdade, só foi realmente destruído com a ruptura do Véu do Templo na morte de Cristo. Quando a Igreja se consolidou e as Escrituras se completaram, o véu foi totalmente dissipado, e a provocação ao ciúme atingiu seu pico e maior intensidade.

O propósito dessa provocação era levar à salvação de Israel. Embora tenha gerado raiva em muitos, para outros ela resultaria em arrependimento. Paulo menciona que, no futuro (o futuro deles, não o nosso), essa provocação traria frutos. Não apenas um remanescente, mas “todo o Israel” se voltaria para o Senhor. Nesse momento, judeus e gentios se uniriam como um “Novo Homem” em Cristo, e isso representaria a ressurreição política do mundo, eliminando a divisão entre Babel e Israel. O que de fato se cumpriu.

## - Capítulo 7 -

### A Terra de Israel

---

Sobre a posse da terra de Israel por parte do povo judeu, Ferreira escreveu:

“Há “mais evidência [no Antigo Testamento] de que a terra de Israel pertence para sempre ao povo judeu”. Pode-se citar Salmos 105.7-11, “que mostra Deus usando palavras e frases de grande certeza — ‘aliança eterna’, ‘juramento’, ‘palavra’, etc. — para falar dessa promessa”. Em Hebreus 6.17-18, “o autor fala da promessa de Deus e do juramento do Senhor como ‘duas coisas imutáveis nas quais Deus não poderia mentir’. Deus, em 47 passagens do Tanakh, promete dar a terra a Israel. Esse é o tipo de linguagem que a Bíblia usa para nos assegurar que a promessa da terra para os judeus é eterna e irrevogável”.<sup>42</sup>

Sobre a questão da terra de Israel, assim como Franklin Ferreira, os intérpretes dispensacionalistas acabaram caindo na armadilha do literalismo, pois a Bíblia ensina que os patriarcas Abraão, Isaque e Jacó receberam a promessa da terra de Canaã como herança eterna (Hebreus 11:8–16). No entanto, eles nunca possuíram essa terra de forma literal, e tampouco a maioria de seus descendentes o fez.

Como Ferreira e os dispensacionalistas lidam com esse impasse? No caso do Dispensacionalismo — com suas interpretações

---

<sup>42</sup> Idem nº 3, pg. 281.

extravagantes sobre os acontecimentos do fim dos tempos —, a solução proposta é que apenas uma geração de israelitas herdará a terra literal de Israel, após dois terços do povo serem exterminados durante um futuro período de Grande Tribulação. Somente o remanescente, o terço sobrevivente mencionado em Zacarias 13:7–8, desfrutaria dessa herança, e ainda assim por apenas mil anos (Apocalipse 20).

Contudo, a Escritura revela que o destino de Israel está profundamente entrelaçado ao destino das nações — algo que não depende da posse da terra física de Israel. Essa verdade é destacada de forma clara ao final do ministério terreno de Jesus:

“Assim está escrito que o Cristo padeceria e ressuscitaria ao terceiro dia, e que em seu nome seria pregado o arrependimento para remissão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém”.

- Lucas 24:46-47

Veja o leitor que o ponto de partida é “começando por Jerusalém”, **não levando de volta a Jerusalém**. O evangelho de Mateus termina de maneira semelhante:

“E Jesus aproximou-se e falou-lhes, dizendo: “Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos”.

- Mateus 28:18-20

Em ambos os casos, Israel não é apresentado como uma nação escolhida para cumprir uma missão profética terrena e futura em todo o mundo. O foco abrange todas as nações, com Israel figurando apenas como **ponto de partida natural** dessa missão universal.

O Senhor Jesus declarou: “Ide por todo o mundo e pregai o



evangelho a toda criatura” (Marcos 16:15). Assim, o testemunho do Evangelho **tem início em Jerusalém**, mas **se estende até os confins da terra** — alcançando “toda a criação debaixo do céu” (Colossenses 1:23), manifestando-se “no mundo [kosmos]” (1ª Timóteo 3:16) e sendo proclamado “a todas as nações” (Romanos 16:26; 1ª Timóteo 3:16).

O Senhor Jesus respondeu a uma pergunta sobre o Reino de Deus feita pelos fariseus, dizendo:

“O reino de Deus não vem com visível aparência; nem dirão: ‘Ei-lo aqui!’ ou: ‘Ei-lo ali!’ Porque o reino de Deus está entre vós”.

- Lucas 17:20-21

Para compreender o momento em que o Reino se manifesta, é necessário observar o contexto anterior no Evangelho de Lucas. Jesus havia dito:

“Todo reino dividido contra si mesmo será devastado, e uma casa dividida contra si mesma cairá.

Se Satanás também está dividido contra si mesmo, como o seu reino subsistirá? Pois vocês dizem que eu expulso demônios por Belzebu.

E, se eu expulso demônios por Belzebu, por quem os expulsam os filhos de vocês? Por isso, eles mesmos serão os seus juízes.

Mas, se eu expulso demônios pelo dedo de Deus, então é chegado a vós o reino de Deus”.

- Lucas 11:17-20

O fato de Jesus expulsar demônios era uma evidência de que o Reino de Deus já havia chegado. Ele próprio era a personificação desse Reino. Os opositores de Jesus estavam plenamente cientes das Suas declarações sobre o Reino e de que Ele afirmava que esse Reino já estava em ação naquele tempo.

Os fariseus, ao questionarem Jesus em Lucas 17:20, mostraram que

entenderam uma coisa: Ele falava de algo que estava prestes a acontecer — algo urgente, que dizia respeito a eles. Tudo no ministério de Jesus até aquele momento apontava para uma transformação radical: **uma separação inevitável e um juízo iminente**. Ele já os havia censurado por não saberem interpretar os sinais do tempo (Lucas 12:54–59), contara parábolas revelando a natureza misteriosa do Reino (Lucas 13:18–21) e advertira que muitos seriam deixados de fora enquanto outros — inesperadamente — seriam acolhidos (Lucas 13:28–29). Pouco antes, havia até repreendido alguns fariseus por não compreenderem que o Reino de Deus vinha sendo anunciado desde João Batista (Lucas 16:16–17). Ou seja, eles estavam de fato discutindo o assunto certo — só não compreendiam o seu significado.

Quando João Batista foi preso, Jesus declarou: “O tempo se cumpriu, e o Reino de Deus está próximo; arrependam-se e creiam nas boas novas” (Marcos 1:14–15). Mas o “evento próximo” de que Ele falava não era uma revolução política nem um império terreno — era Ele mesmo. O Rei estava diante deles, e mesmo assim pediam sinais de quando o Reino viria. Ironia maior não há. Era como Pilatos, olhando nos olhos da Verdade encarnada, e perguntando: “O que é a verdade?” (João 18:38).

Algumas traduções dizem que o Reino está “dentro de vós”, outras, “entre vós”. Seja como for, o ponto é claro: Jesus não promete um trono em Jerusalém, nem um reinado terrestre de mil anos ou uma nação de Israel a parte que tenha algum significado especial entre as nações no fim dos tempos. Em vez disso, Ele fala de um juízo que recairia sobre Jerusalém naquela própria geração — um tempo que seria como os dias de Noé e de Ló (Lucas 17:26–27). “O Reino virá”, diz Ele, “quando Jerusalém se tornar como Sodoma, quando estiver reduzida a um cadáver” (verso 29, 37). O julgamento seria local, restrito à Judeia (Lucas 17:31; Mateus 24:17–20; Marcos 13:15–18; Lucas 21:21), e cumprido dentro daquela geração (Mateus 24:34).

**A Jerusalém terrena deixaria de ser o palco central da história da salvação.** O novo centro do Reino estaria onde dois ou três se reunissem em nome de Jesus (Mateus 18:20).

Os judeus da época, no entanto, esperavam o oposto. Imaginavam que o Messias viria para esmagar os gentios e restaurar o domínio de Israel. Mas o plano Divino os surpreendeu completamente: não seriam os gentios os primeiros a cair, mas o próprio Israel incrédulo. Só então, a mensagem do Reino se espalharia entre as nações — e o verdadeiro Rei passaria a reinar sobre os gentios. O caso aqui em questão mostra que tanto Ferreira como os dispensacionalistas estão errados por pensarem que Israel terá posse ou alguma significância na sua terra.

O pensamento Divino sobre Seu Reino era incorporar as nações à Aliança revelada em primeiro lugar a Abraão (Gênesis 12:3). Essa visão do Reino de Deus estava fora da teologia da maioria dos judeus do tempo de Jesus - embora às Escrituras sejam claras sobre o assunto (Gênesis 22:18; 26:4; 28:14; Atos 3:25; Gálatas 3:8).

O objetivo era que a nação de Israel deveria ser uma “luz para as nações”, para que a “salvação” de Deus chegasse “até os confins da terra” (Isaías 49:6; também 42:6; 51:4; Atos 13:47; 26:23). O fato é que deve haver somente um povo de Deus:

“UMA LUZ DE REVELAÇÃO PARA OS GENTIOS [Isaías 9:2],  
E a glória do teu povo Israel (Lucas 2:32).

Nada aconteceu por acaso — uma realidade depende da outra. Deus não adiou o Seu Reino, nem suspendeu a redenção de Israel esperando um futuro “arrebatamento” da Igreja ou a salvação de todo o Israel nos “últimos dias”. Desde o início, o plano sempre foi um só: um único povo de Deus, enraizado na mesma oliveira, formando um só templo vivo de fiéis — um novo homem em Cristo, unido e completo:

“Portanto, vocês já não são estrangeiros nem forasteiros, mas concidadãos dos santos e membros da casa de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo o próprio Cristo Jesus a pedra angular. Nele, todo o edifício, bem ajustado, cresce para ser um templo santo no Senhor, no qual vocês também estão sendo edificados juntos, para se tornarem morada de Deus no Espírito”.

- Efésios 2:19-22

O Senhor Jesus foi questionado por Seus discípulos antes de Sua Ascensão: “Senhor, é neste momento que o Senhor está restaurando o reino a Israel?” Ele respondeu:

“Não vos compete saber os tempos ou as épocas que o Pai estabeleceu pela sua própria autoridade; mas recebereis poder quando o Espírito Santo vier sobre vós; e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra”.

- Atos 1:7-8

O teólogo Gary DeMar, citando Lightfoot, comentou:

“Sobre Jesus mencionar “tempos e épocas”. Ele não responde à pergunta específica deles porque o que acontecerá quando o Espírito Santo descer (Atos 2) é algo muito maior e mais grandioso do que eles poderiam imaginar. “É muito evidente”, comenta Lightfoot, “que os apóstolos tinham as mesmas concepções fantasiosas sobre um reinado terreno de Cristo com o resto daquela nação”. Pedro continua a lutar com a ideia de que as nações participariam das promessas feitas a Israel, mesmo que a Antiga Aliança previsse tal inclusão (15:15-18; Amós 9:11-12). Deus lida com sua falta de entendimento em uma visão (Atos 10)”<sup>43</sup>.

---

<sup>43</sup> The Rapture and the Fig Tree Generation, pg. 58. Copyright © 2020 by Gary DeMar with Francis X. Gumerlock. American Vision Press Powder Springs, Georgia. Site: [www.americanvision.org](http://www.americanvision.org)

O apóstolo Pedro compreendeu que os gentios haviam sido “purificados” e que, portanto, já não poderiam ser considerados “impuros” (Atos 10:15). Mais tarde, ele compartilhou com os irmãos em Jerusalém todos os pormenores da visão (Atos 11:18).

Enquanto alguns anunciavam a mensagem apenas aos judeus (Atos 11:19), outros passaram a proclamar o Senhor Jesus igualmente aos gregos (Atos 11:20). Esse progresso chamou a atenção da “igreja em Jerusalém” (Atos 11:22, 26), formada exclusivamente por judeus (cf. Atos 5:11; 8:1; 9:31). A decisão sobre a evangelização dos gentios foi oficialmente consolidada em uma assembleia realizada em Jerusalém, reunindo os apóstolos e os presbíteros. Eles se reuniram para avaliar a questão. Depois de longo debate, Pedro levantou-se e declarou:

“Irmãos, vocês bem sabem que, desde os primeiros dias, Deus decidiu que, por meio de mim, os gentios ouviriam a mensagem do evangelho e creriam. E Deus, que conhece os corações, confirmou isso ao lhes conceder o Espírito Santo, assim como concedeu a nós; Ele não estabeleceu diferença entre nós e eles, pois purificou seus corações mediante a fé”.

- Atos 15:6–9

Nesse ponto da história da redenção, Deus já tratava judeus e não judeus sem distinção. Paulo anunciava o Reino de Deus a ambos os grupos, afirmando:

“Fiquem sabendo, [judeus], que esta salvação de Deus foi enviada aos gentios”.

– Atos 28:28

Não havia qualquer ideia de exclusividade judaica ou de um adiamento do Reino. O apóstolo Paulo permaneceu dois anos inteiros em uma casa alugada [em Roma], recebendo todos os que o procuravam, proclamando o reino de Deus e ensinando sobre o

Senhor Jesus Cristo com plena liberdade, sem qualquer restrição (Atos 28:30–31).

Os primeiros seguidores de Cristo eram israelitas, herdeiros das promessas do Reino. No Pentecostes, “havia judeus residentes em Jerusalém, homens piedosos de todas as nações debaixo do céu” (2:5). Também estavam ali “visitantes de Roma, tanto judeus quanto prosélitos” (Atos 2:10) — estes últimos, gentios convertidos ao judaísmo — certamente retornaram às suas regiões levando consigo a mensagem do Evangelho e difundindo-a entre seus conhecidos, fossem judeus ou gentios.

Sabemos que esse movimento de expansão ocorreu porque, quando Paulo finalmente chegou a Roma, já existia ali uma comunidade judaica bem estruturada, com liderança estabelecida.

Durante suas viagens missionárias, Paulo costumava dialogar com os judeus nas sinagogas (Atos 9:20; 18:4, 18–28), seguindo aquilo que era “seu costume” (Atos 17:1–3).

Um número crescente de judeus que abraçaram a fé formou as primícias de uma conversão que se espalhou pelo Império Romano. Esse movimento foi tão amplo que Paulo pôde afirmar que “o evangelho” havia chegado aos colossenses assim como “a todo o mundo” (Colossenses 1:6), e que “a esperança do evangelho... foi proclamada em toda a criação debaixo do céu” (Colossenses 1:23).

A ideia dispensacionalista de que o “relógio profético” de Israel teria parado nos primeiros capítulos de Atos, dando início a uma nova entidade separada — a “Igreja” — não encontra respaldo bíblico. Paulo enfatizou que o Evangelho era “primeiro para o judeu e também para o grego” (Romanos 1:16; 2:9; cf. Atos 3:26: “primeiro para vós”). Por isso, em Atos, a mensagem foi anunciada tanto a judeus quanto a gentios.

Em Cristo, formou-se “um novo homem” (Efésios 2:15), tornando os gentios “não mais estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus” (Efésios 2:19).

Na sua primeira viagem missionária, ao visitar Antioquia da Pisídia, Paulo e seus companheiros entraram na sinagoga no sábado e se sentaram (Atos 13:13–14). Quando lhe concederam a palavra, Paulo dirigiu-se aos “homens de Israel” e também aos gentios tementes a Deus (Atos 13:16–17, 26). Ele apresentou um breve panorama da história de Israel e do ministério terreno de Jesus, destacando Sua rejeição pelos líderes judeus e a conivência destes com os romanos para crucificá-Lo (Atos 13:24–31).

Em seguida, proclamou:

“Anunciamos a vocês as boas novas da promessa feita aos nossos antepassados, que Deus cumpriu para nós, seus filhos, ao ressuscitar Jesus, como está escrito no Salmo 2:7: ‘Tu és meu Filho; hoje te gerei’. E quanto à ressurreição, Ele afirmou: ‘Eu lhes darei as santas e seguras bênçãos de Davi’”

- Atos 13:32–34

Não poderia haver mensagem mais clara: Deus cumpriu Suas promessas “aos pais... e aos filhos”. Mas isso não significa que Deus terminou com os judeus. Nem com os gentios, que foram enxertados na comunidade judaica de crentes no primeiro século. Como Pedro declarou: “Ele não fez distinção entre nós e eles” (Atos 15:9). Judeus e gentios foram salvos simultaneamente, da mesma forma — e ambos tiveram pessoas que rejeitaram Jesus como Messias.

Hoje, a situação é a mesma: judeus e gentios têm igual acesso a Jesus, pela graça mediante a fé. Não existem dois povos de Deus. Paulo esclarece isso em Efésios, dizendo que aqueles que estavam “longe” (os gentios) foram “aproximados pelo sangue de Cristo” (Efésios 2:13), tornando-se “um só” (Efésios 2:14). Ele continua:

“Portanto, vocês [gentios] já não são estrangeiros nem forasteiros, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo Cristo Jesus a pedra angular. Nele, todo o edifício, bem ajustado, cresce para se tornar um templo santo no Senhor, no qual vocês também estão sendo edificados juntos, para se tornarem morada de Deus no Espírito”.

- Efésios 2:19–22

Assim como nos tempos apostólicos, judeus e gentios de hoje tornam-se membros da família de Deus da mesma maneira. Assim sendo, as profecias do Antigo Testamento quando fazem afirmações sobre o futuro, incluindo a promessa da terra para Israel, acabam sendo cumpridas literalmente tanto para judeus e gentios num sentido bem amplo, pois “Abraão e a sua descendência receberam a promessa de que ele seria herdeiro do mundo”, “mediante a justiça que vem da fé” (Romanos 4:13). Só este último versículo elimina qualquer dúvida de que a promessa da terra ficaria confinada a uma terrinha pequena no Oriente Médio, mas é algo ampliado para o mundo inteiro para “os filhos de Deus, pela fé, [que] são herdeiros e co-herdeiros com Cristo, participando da glória divina” (Romanos 8:17).

Sobre essa esperança da herança, o teólogo Franklin Ferreira disse que vários transformaram “a promessa da terra, redefinindo seu herdeiro, do povo judeu étnico para um “povo” espiritualizado, todos os seguidores de Jesus, judeus e gentios”.<sup>44</sup> E acrescenta que essa “promessa de terra não se refere mais à terra de Israel, mas ao mundo inteiro, que será a herança desse novo povo, a igreja. Assim, as promessas do Antigo Testamento foram espiritualizadas e “desterritorializadas” no Novo Testamento”.<sup>45</sup> A grande questão é que essa promessa da terra não se trata apenas interpretações

---

<sup>44</sup> Idem nº 3, pg. 282.

<sup>45</sup> Idem nº 3, pg. 282.



espiritualizadoras ou alegorias, mas como haverá uma ressurreição literal dos justos é de se supor que literalmente tanto Abraão como todos os crentes em Jesus Cristo estarão vivendo nesta Terra. A impressão que se tem é que Ferreira coloca a nação de Israel como algo a parte, a qual herdará e viverá para sempre naquela terra localizada no Oriente Médio – ignorando que a promessa de Deus é muito mais gloriosa e ampla para todos.

## Mais sobre a Terra de Israel

Não existe, em todo o Novo Testamento, nenhum versículo que sustente a ideia de que a restauração de Israel como nação tenha um significado profético. Após o ano 70 d.C., Israel, enquanto entidade nacional, não cumpriu qualquer papel profético. O Novo Testamento trata apenas de sua destruição, sem mencionar uma restauração futura. Também não há referências à reconstrução do templo nem ao retorno dos judeus à sua terra, diferentemente das profecias do Antigo Testamento.

Segundo Jeremias 29:14, os judeus voltariam à sua terra “quando se completassem setenta anos para a Babilônia” (29:10; cf. Daniel 9:2), e o templo seria reconstruído, como de fato ocorreu (Esdras 5:16; João 2:20). Assim, tais profecias já se cumpriram. Isaías 11:11 fala de um segundo retorno de Israel à sua terra. Um grupo de israelitas voltou após o exílio babilônico, enquanto a primeira ocasião remonta ao êxodo do Egito (11:16). Não há menção a uma terceira restauração.

Se o Antigo Testamento funciona como padrão, seria esperado que o Novo Testamento apresentasse profecias claras sobre uma restauração futura de Israel como nação e sobre a reedificação do templo — algo que não ocorre.

Muitos afirmam que a promessa da terra nunca foi totalmente

cumprida, contrariando assim muitos estudiosos da Bíblia que apontam para três passagens que sugerem que a promessa de terra a Israel foi de fato cumprida (Josué 21:43-45; 23:14-15; Neemias 9:8). Esses textos afirmam que “de todas as boas promessas do Senhor à nação de Israel, nenhuma delas falhou; todas se cumpriram” (Josué 21:45; cf. 23:14).

Alguns dizem, no entanto, que as fronteiras mencionadas em Números 34:2-12 não são as alcançadas nos relatos de Josué e Juízes. Citam como exemplo Josué 13:1-7 e Juízes 3:1-4 que concordam em afirmar que havia muita terra a ser conquistada.

A narrativa bíblica apresenta outra perspectiva:

“Assim o Senhor deu aos israelitas toda a terra que tinha prometido sob juramento aos seus antepassados, e eles tomaram posse dela e se estabeleceram ali”.

- Josué 21:43

O texto ainda reforça essa afirmação dizendo:

“De todas as boas promessas do Senhor à nação de Israel, nenhuma delas falhou; todas se cumpriram”.

- Josué 21:45

Há como ser mais explícito? Deus realizou cada promessa exatamente como havia declarado, sem qualquer obrigação de ir além disso. Os futuristas reconhecem que o Novo Testamento não menciona de forma direta a reconstrução de um templo, a restauração nacional de Israel ou a retomada da terra, e argumentam que a parábola da figueira em Mateus 24:32 supriria essa falta. Porém, diferentemente dessa leitura, um exame de todas as passagens neotestamentárias que associam Israel a uma figueira revela um enfoque no juízo e na queda de Jerusalém, e não em sua restauração futura.

## - Conclusão -

### No Final, Haverá Somente a Terra de Israel

---

“Então vi um novo céu e uma nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra tinham passado; e o mar já não existia”.

- Apocalipse 21:1

O Novo Céu e a Nova Terra foram inaugurados com a Nova Aliança em Jesus Cristo e caminha para atingir a plenitude até Seu retorno. O “mar” simboliza as nações pagãs, os gentios não regenerados. O “mar” é frequentemente usado nas Escrituras como representante das nações pagãs ou gentias conforme Isaías 17:12-13; Salmo 65:7; Apocalipse 17:15. Esse simbolismo de Apocalipse significa que na conclusão final do Novo Céu e Nova Terra, não haverá nenhum mundo pagão, mas apenas o Israel espiritual (a Igreja) conforme Isaías 11.9:

“Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo monte, porque a terra se encherá do conhecimento do SENHOR, como as águas cobrem o mar”.

Quando a Grande Comissão de Mateus 28:18-20 chegar ao seu término, o “mar” das nações pagãs não regeneradas ficará no passado, no esquecimento. Nos tempos do Antigo Testamento a nação de Israel na Antiga Aliança era cercada pelo “mar” das nações pagãs. Mas nos tempos depois de Cristo a Igreja como o Israel de

Deus prevalecerá de tal forma que sobrarão somente a “terra”, não haverá mais o “mar” do paganismo cercado a terra de Israel como era no passado, no Antigo Testamento. Na contramão desse futuro glorioso da Igreja (Israel), Franklin Ferreira argumentou:

“Neste livro argumentei que Israel ainda é o povo eleito de Deus. O Senhor ainda está comprometido com Israel, e os judeus estão destinados como povo a um dia reconhecerem a Jesus como o único Messias. Sendo os judeus uma unidade étnica, bem como um povo chamado a viver pela fé e em obediência a Deus, é natural que tenham uma terra. E essa terra está ligada ao compromisso pactual de Deus para com eles como um povo. É a terra que Deus lhes prometeu originalmente e onde a grande história da salvação foi encenada. É uma visão crível que o retorno de muitos judeus à terra e a fundação do Estado de Israel em nossos dias é parte do cumprimento de Deus de seu propósito para o mundo, para os judeus e para a Igreja”.<sup>46</sup>

Se o leitor achou que isso soa bem dispensacionalista, veja a citação que Ferreira faz de Juster:

“Há um destino específico tanto para Israel como para a Igreja que ambos devem cumprir. O da Igreja é governar como noiva e rainha ao lado do Messias na era vindoura. O de Israel é ser a nação-chefe das nações. Jerusalém será a capital do mundo”, onde Jesus “reinará visivelmente sobre seu trono, o verdadeiro assento das Nações Unidas do Messias”. Assim, a “nação [de Israel] servirá ao Senhor como um reino de sacerdotes junto com a noiva e rainha [...], a Igreja. Imagine as grandes celebrações que acontecerão reunindo todas as nações em Deus! [...] Experimentaremos a glória de Deus, a glória da noiva, a glória de Israel e a glória de todas as nações interligadas na Nova Jerusalém”.<sup>47</sup>

O que temos nas duas citações acima é puro Dispensacionismo.

---

<sup>46</sup> Idem nº 3, pg. 395.

<sup>47</sup> Idem nº 3, pg. 395.

Por mais que Franklin Ferreira queira negar ele não consegue fugir do fato de que assim como acontece na interpretação dispensacionalista, sua interpretação acaba revelando algo semelhante. O resultado é que no final Deus terá:

1. Dois povos (a Igreja e a nação étnica de Israel);
2. A Israel física-étnica como um povo eleito de Deus separado da Igreja;
3. O retorno dos judeus à sua terra original;
4. A fundação do Estado de Israel em 14 de Maio de 1948 como parte do cumprimento da profecia bíblica;
5. A glória da noiva, a glória de Israel e a glória de todas as nações interligadas na Nova Jerusalém.
6. Embora a Jerusalém terrena morreu para nascer uma Nova Jerusalém, no final, acabará havendo duas Jerusaléns, uma terrena e outra celestial.
7. A distinção entre a Igreja e a nação de Israel com promessas específicas é claramente visível na teologia de Franklin Ferreira.

Em resumo, considero pouco proveitosa a leitura do livro de Franklin Ferreira, especialmente para um leitor mediano e não crítico, que poderá ter a impressão de estar diante de uma obra sólida e confiável. No entanto, os argumentos apresentados por Ferreira se apoiam, a meu ver, em uma séria má interpretação das Sagradas Escrituras. Seria importante — e até necessário — que outros líderes evangélicos, sobretudo os de tradição reformada, se manifestassem a respeito do conteúdo desse livro. Não tenho dúvidas de que a obra não apenas favorece o Dispensacionalismo, como também representa um risco à saúde espiritual de leitores menos preparados.

As promessas da herança da terra feitas por Deus a Abraão se cumprem plenamente em Cristo, a verdadeira Semente de Abraão. Tais promessas são concedidas àqueles que têm fé em Jesus, o legítimo Herdeiro, de quem procedem todos os benefícios espirituais;

fora dele, não há qualquer participação nelas. Todos os que abençoarem Cristo e Seu povo serão abençoados por Deus, e todos os que os amaldiçoarem serão amaldiçoados. Essas promessas não dizem respeito a um grupo étnico específico, mas à Igreja de Jesus Cristo — o verdadeiro Israel. O povo de Deus, seja a congregação de Israel no deserto, no Antigo Testamento, seja o “Israel de Deus” entre os gentios em Gálatas, no Novo Testamento, constitui um só corpo que, por meio de Cristo, receberá a promessa da cidade celestial, a eterna Sião. Essa herança celestial tem sido, em todas as eras, a verdadeira esperança do povo de Deus.<sup>48</sup>

Diante disso, minha sugestão é que Franklin Ferreira se assuma dispensacionalista de maneira explícita, o que seria mais coerente com o teor de seu livro — que, longe de ser *Por Amor a Sião*, parece expressar um *Amor Seletivo por Sião*, desconsiderando palestinos e outros povos. O destino desta obra, e de todos os reformados que se alinham a tais ideias, acaba sendo o de ficarem “Deixados para Trás” na história da genuína Escatologia bíblica.

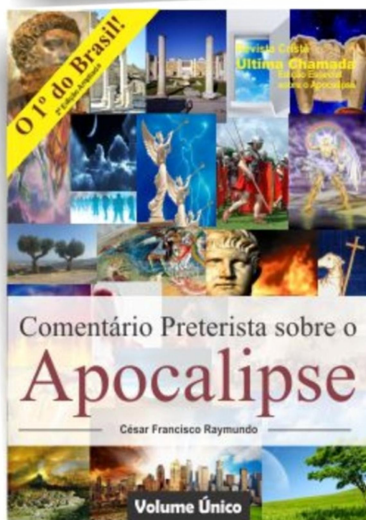
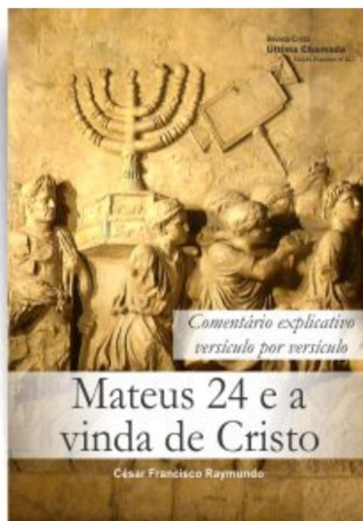
---

<sup>48</sup> Uma Carta Aberta aos Evangélicos e a Outros Partidos Interessados: O Povo de Deus, a Terra de Israel e a Imparcialidade do Evangelho, pg. 10 (Paráfrase de um trecho). R. Fowler White. Revista Cristã Última Chamada - Edição de Outubro de 2023.

# Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

**[www.revistacrista.org](http://www.revistacrista.org)**



Revista Cristã  
Última Chamada

O livro mais  
**Amargo**  
da Bíblia dá suporte a



## Esperança Pós-milenista?

César Francisco Raymundo

KENNETH L. GENTRY JR.

## PÓS-MILENARISMO PARA LEIGOS

VOCÊ PODE ENTENDER  
A PROFECIA BÍBLICA



## Refutando o Amilenismo Dispensacionalismo Pré-milenismo Clássico

Jay Rogers

César Francisco Raymundo

revista cristã  
última chamada

## E se Deus não tivesse nascido de mulher?